



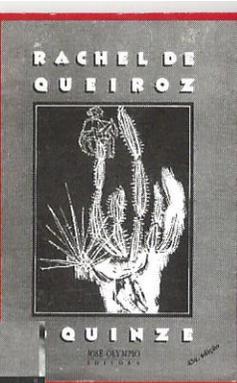
Livraria José Olympio - Editora, no Rio de Janeiro  
com o escritor José Lins do Rego à porta

BATATAIS - SP ANO III, Nº 6 - NOVEMBRO / 2002



# AMICUS

Sociedade Amigos da Cultura



BATATAIS-SP ANO III,  
Nº 6 - novembro/2002

**1**  
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE  
JOÃO CABRAL DE MELO NETO  
MANUEL BANDA  
VINÍCIUS DE MORAIS

# AMICUS

Sociedade Amigos da Cultura

*Yosi Olympio da Veiga*  
*Paulo José Pereira*  
6/12/2002

ISSN 1518-4013

AMICUS - Batatais-SP - Ano III - Nº 6 - p. 85-172  
novembro de 2002

NOSSA CAPA: Editor José Olympio e algumas obras por ele editadas. 4ª capa: O escritor José Lins do Rêgo, à porta da loja da Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro em 1946.

Acervo Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís-Batatais-SP

SOCIEDADE AMIGOS DA CULTURA

AMICUS

Conselho Consultivo e de Editoração  
Coordenador: Walter Cardoso

Membros: Gaspar de Sousa Prado Neto  
José Carlos de Medeiros Pereira  
Maria Clarisse Bombonato Prado  
Mildred Regina Gonçalves

Conselho de Publicação  
Coordenador: Sérgio Corrêa Amaro

Membros: Claudete Camargo Pereira Basaglia  
Clotilde de Santa Clara Medina Cardoso

Para Correspondência:  
Sociedade Amigos da Cultura  
Pça. Cônego Joaquim Alves, 202  
CEP 14300-000 - Batatais-SP  
E.Mail: amicus@netsite.com.br

SUMÁRIO / CONTENTS

*EDITORIAL*

"E agora, José?" ..... 89

ARTIGOS /ARTICLES

Jotaó: "casa plantada em terra, mas com asa"  
Claudete Camargo Pereira BASAGLIA.....91

Uma revista cívico-literária, no ano do nascimento de José  
Olympio  
Walter CARDOSO.....107

Tempos heróicos da Rádio Difusora de Batatais  
(1947-1960)  
Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO.....119

Da Santa Cruz dos Enforcados, à igreja atual  
Pedro Lázaro TEIXEIRA.....143

SEÇÕES

*FILATELIA*

O significado do lançamento do carimbo postal em  
homenagem a José Olympio  
Arnaldo JORGE.....151

*TRONCOS FAMILIARES BATATAENSES*

Famílias Medeiros, Tavares e Gaspar Gomes  
José Carlos de Medeiros PEREIRA.....154

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Nos trilhos da Mogiana: Um pouco da história de Jurucê Karina Elizabete SERRAZES.....	167
NOTICIÁRIO.....	170
ÍNDICE DE AUTORES.....	171
NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE ORIGINAL.....	172

## EDITORIAL

---

"E agora, José?"

...e agora, a José, AMICUS dedica este número. É a nossa modesta contribuição às comemorações ao Primeiro Centenário do Nascimento de José Olympio, que atualmente ocorrem em nossa cidade, promovidas pela Secretaria de Educação e da Cultura, da municipalidade local.

Boa parcela da matéria aqui publicada diz respeito ao extraordinário editor contemporâneo, que, no preciso dizer de Villaça, foi "o descobridor de escritores". É o menino José Olympio, nascido em Batatais, ao tempo de Washington e Altino, pescador de bagres e traíras no Tombacarro. Tempos das retretas da Euterpe Batataense, regida pelo maestro Protásio Thomaz de Carvalho. Aos quinze anos, ei-lo em São Paulo, empregado na seção de livros da Casa Garraux. Era, por assim dizer, o encontro com seu verdadeiro nicho ecológico vocacional, o adentramento naquele mundo do qual ele viria a ser estrela de primeira grandeza.

O amistoso relacionamento de José Olympio com os autores editados por sua Casa constituem tema do maior interesse, pois tal abordagem contribui para melhor se traçar seu perfil. Assim, compreende-se a importância do artigo intitulado JOTAÓ: "casa plantada em terra, mas com asa", no qual se registram dedicatórias a ele redigidas por seus editados. Segue-se texto que trata da Revista Cívico-Literária, publicada em 1902, portanto no ano do nascimento de José Olympio. Publicação que nos leva ao clima intelectual de Batatais daquele tempo. Ainda sobre José Olympio, em nossa seção Filatelia, registramos o lançamento de carimbo postal, em homenagem a esse ilustre batataense.

Sempre fiel ao nosso passado, nossa revista publica artigo sobre a primeira estação de radiodifusão de Batatais, momento histórico que com muita propriedade é chamado de "período heróico". Segue-se breve, mas importante registro sobre a Igreja de Santa Cruz, desde os Tempos da Capela dos Enforcados.

Neste número, introduzimos uma nova seção, intitulada "Troncos Familiares Batataenses", cuja importância é óbvia, sobretudo aos que se interessam por questões de genealogia. Na Resenha Bibliográfica, faz-se referência a livro que trata de Jurucê, obra que

contribui para o desenvolvimento da bibliografia regional. Finalmente, em Notícias, vai registrado o mais importante que, em termos culturais, vem por aqui se fazendo.

Tudo redigido com a intenção de contribuir para maior engrandecimento de nossas tradições, quando a cidade presta homenagem ao imortal editor conterrâneo José Olympio.

Mesmo porque, conforme Carlos Drummond de Andrade,

“...você não morre,  
você é duro, José!  
Sozinho no escuro,  
qual bicho-do-mato,  
.....  
você marcha, José!”

## **JOTAÓ: “CASA PLANTADA EM TERRA, MAS COM ASA”\***

Claudete Camargo Pereira BASAGLIA\*\*

**RESUMO:** Pensamentos elaborados a partir de dedicatórias que alguns escritores brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, em especial, ofereceram ao editor José Olympio e que compõem os acervos da Biblioteca Altino Arantes e da Biblioteca do Centro Universitário Claretiano, ambos na sua cidade natal, Batatais.

**PALAVRAS-CHAVE:** José Olympio, livros, dedicatórias, biblioteca, Museu.

O que desejo com este artigo é lembrar alguém por meio de sinais grafados em livros, que se transformaram em testemunho de uma realidade a ser reconstruída. Tentarei uma leitura sensível para decifrar sentidos secretos nos quais se imprimiram vestígios do ser humano no tempo.

Os pensamentos aqui reunidos são resultado de tentativas de apreensão adequada do que possam dizer as dedicatórias retidas no espaço da página de um livro.

Tudo começou pela confluência das vontades daqueles que colocam sonhos, pensamentos e imaginação no papel e de quem, como uma espécie de mágica, transforma em livro o que eram apenas palavras. Falo do encontro marcado entre escritores, nesse momento representado pelo poeta Carlos Drummond de Andrade e o editor José Olympio.

O século XX mal havia principiado, corria o ano de 1902, quando estes dois brasileiros nasceram, um na cidade mineira de Itabira, outro na paulista Batatais, e viveram uma infância que, em Minas Gerais ou em São Paulo, não foi muito diferente, até se tornarem, no Rio de Janeiro, amigos e fiéis companheiros, convivendo e dividindo itabiranas e batataenses lembranças.

A metáfora da casa alada proposta por Drummond em uma de suas dedicatórias a José Olympio e que orienta o título deste artigo começa a tomar força com a idéia da invenção dos séculos como forma de domínio humano mais amplo do tempo do calendá-

\*Recebido para publicação em 10 de setembro de 2002.

\*\*Mestre em Educação pela UNICAMP e participante do grupo de pesquisa GEPEMEMO (UNICAMP). Professora de Sociologia do Centro Universitário Claretiano.

Ria, 21. 5. 88

JO. Prezados Padres Piva

Recebi de sua carta de 23 de  
Março desta ano pedindo para  
poder atrasar. É que andei a doar todos  
a uns 86 anos por estas me custando.

É a <sup>vez</sup> a minha intenção que meus  
livros de dar a minha terra natal de  
passar na biblioteca do Colégio São  
José, uma onde está a proximidade de  
mais os meus livros. A fim de  
próximos anos, Deus quem sabe, em outras.

Desafio feito de um padre. Daria  
uma ordem bastante energética para que  
alguém responsável não resistir a  
tentação de <sup>contar assim</sup> livros que a página com  
também a dedicatória dos autores. Mas  
é a coisa importante para mim.

Um abraço e agradeço a  
do livro. Alguém

Carta enviada por José Olimpio para o Padre Piva, recomendando-lhe  
cuidado com as obras doadas à sua terra natal e deixadas sob os cuidados  
do Colégio São José. (Acervo Museu Dr. Washington Luís-Batatais)

rio, mas que nestas circunstâncias perde o seu sentido de dominação  
do tempo e da história e retoma o significado original da palavra  
latina *saeculum*, que traduz o significado de uma geração humana,  
passando, assim, a ser celebrado como um momento privilegiado, um  
renovar-se de comemorações.

Um século tendo passado, é chegado o tempo de conferir-lhe  
o sentido de vidas humanas que contribuíram para que palavras  
organizadas em forma de sonhos, ilusões ou desilusões, esperanças  
ou desesperanças, indignação ou admiração, renúncia ou denúncia,  
tristezas ou alegrias, ordem ou desordem, possam ampliar cada vez  
mais as nossas humanas leituras do mundo. É hora de lembrar o  
encontro.

É diante das estantes de livros que pertenceram a José  
Olympio que as lembranças vão ganhando seus contornos. Livros  
que José Olympio, durante uma visita à sua cidade natal quando  
corria o ano de 1968, desejou que, tal qual sua velha conhecida  
estante de livros de seu padrinho Altino Arantes, também ficassem  
em Batatais.

Os livros aninharam-se nas estantes dos acervos da  
Biblioteca Altino Arantes e da Biblioteca do Centro Universitário  
Claretiano, agora em terra nova, acompanhados de "uma ordem  
bastante enérgica" expressa em carta dirigida à Faculdade de  
Filosofia, Ciências e Letras denominada José Olympio, em sua  
homenagem. Na carta, pedia o doador um cuidado especial para  
que leitores e consulentes resistissem à tentação de arrancar ou  
cortar as páginas com dedicatórias dos autores. Respeitada esta  
vontade, é possível abrir as portas de madeira e vidros e tocar  
preciosidades que vão além da obra e seu autor, materializando-  
se em expressivas dedicatórias. Assim, chegam às nossas mãos  
de leitor exemplares únicos, por terem merecido de seus criadores  
e de seu organizador uma atenção especial.

É impossível não sentir uma leve aragem de emoção ao abrir  
a primeira página de um livro de memórias, diários e confissões,  
onde Graciliano Ramos registra a *Infância* e desenha novas letras  
num pensamento único oferecido não ao editor simplesmente, mas  
ao também amigo.

Meu velho José Olympio:

Nunca lhe ofereci um livro, pois

Isto me parecia um absurdo: todos os livros

são seus - e é v. que às vezes me oferece alguns.

*Mas não, há dúvida. Faço aqui a  
restituição de um  
deles. É chover no molhado.  
Mando-lhe um abraço também.  
Graciliano*

*Rio - 1945*

Como um livro permite que o leitor brinque, também recebi o abraço mandado e vejo que ainda é tempo de prazerosamente responder ao Graciliano porque para nós leitores, aqueles que temos o poder de abrir ou não um livro, não há dúvidas, o livro é nosso.

Quero lembrar o editor e o escritor, pessoas ligadas ao mundo da palavra escrita e impressa, mas volto meu olhar para a tarefa de artesão do autor, quando precisa compor letra a letra os pequenos manuscritos que, na primeira página de um livro, então impresso, serão as palavras iniciais que darão um novo significado à obra, um pensamento final do autor antes de passá-lo às mãos de seu editor, representante da concretização das vontades de muitos: vontades sonhadoras, poéticas, utópicas; vontades apaixonadas; vontades racionalizadas; vontades denunciadoras.

Pensando no significado de um livro, que fechado é um mistério e aberto pode ser muito parecido com a vida, a primeira imagem que me ocorre é a das bibliotecas. Se meu desejo manifesto é lembrar José Olympio e Carlos Drummond de Andrade, creio que pensar um pouco nas bibliotecas se harmoniza com uma homenagem a estes dois brasileiros.

### **A biblioteca e sua materialidade**

Cerrar fileiras pela biblioteca é uma construtiva tarefa das gerações e nesta questão nosso editor teve um significativo papel, com sua contribuição temos muito do passado preservado, portanto, temos fontes que favorecem diversas e diversificadas interpretações do presente e fazem incidir sobre o futuro.

A história tem mostrado a vulnerabilidade das bibliotecas. Numa das dedicatórias a José Olympio, Drummond alerta sobre a "delícia da traça" que se coloca junto aos perigos da água, do fogo e do mofo, que podem provocar o desaparecimento de uma biblioteca e com ela uma significativa parcela dos sinais de toda uma geração.

As estantes de livro evocam uma gama imensa de questões,

por exemplo, o tema das liberdades humanas sob o prisma dos direitos humanos, considerado aqui em sua perspectiva de direito a todas as formas de conhecimento que possa a literatura registrar. Não seria um exagero atribuir à literatura a categoria de um direito humano?

A resposta será afirmativa, se a considerarmos uma necessidade profunda, necessidade que não pode deixar de ser satisfeita sob pena de comprometer os níveis humanizadores que preenchem nossas necessidades básicas de seres humanos: refletir, adquirir saber, ampliar a percepção do mundo. Literatura aqui apresentada como toda criação poética, ficcional ou dramática, em todos os níveis da sociedade, desde o que reconhecemos como lendas, pilhérias, folclore, até formas mais elaboradas e difíceis da produção escrita de uma dada sociedade.

Nada mais oportuno do que refletir sobre o tema das liberdades sob o prisma dos livros que as estantes abrigam. Bibliotecas podem colocar o leitor diante de um mundo fantástico, o mundo da literatura proscrita, fruto da negação e da rebeldia que habita nos livros proibidos, livros estes que se tornam provas materiais de idéias que, sob pontos de vista convencionais, não deveriam sobreviver.

A repressão às idéias marca a história da cultura universal, nesse sentido, o Brasil não constitui uma exceção. A cultura brasileira vê-se amordaçada após a instalação da Inquisição, aliada ao Estado português, que, a partir do século XVI, institucionaliza a censura. A partir de então, qualquer gênero literário que, de alguma forma, questionasse as tradicionais normas, assim provocando abalos na ordem instituída, passaria a representar valores proibidos.

Consoante as idéias de secularização que avançam, organizam-se, a partir do século XVIII, novos contextos, novos limites e novas possibilidades para a circulação de livros, passa a existir uma censura que não se confundia com a censura da Igreja, nessas circunstâncias novos organismos para a fiscalização de livros são criados, tanto em Portugal quanto no Brasil.

Trata-se de um período quando, sobretudo os autores franceses, compunham as principais idéias proibidas: Rousseau, Voltaire, La Fontaine, ao lado de pensadores como Spinoza, Hobbes e Tomas Morus. Constituía-se ainda vítimas da censura portuguesa clássicos como Ovídio, sem esquecer que a política de Pombal vitimou os jesuítas com a censura literária.

Contrabando, circulação clandestina, colocaram muitas destas obras proibidas nas estantes de bibliotecas brasileiras. A presença de

livros proibidos, no Brasil, ligava-se a idas e vindas à Europa, de outro modo era difícil adquiri-los, pois os livreiros não podiam importá-los.

No século XX, mesmo com a República, a censura literária persistiu, a vigilância não cedeu aos tempos de modernidade e de rebeldia que se anunciavam.

Em 1930, a chegada de Getúlio Vargas ao governo renunciou a liberdade de expressão como realidade. O que ocorreu, no entanto, foi um aumento crescente da censura à palavra até 1937, quando foi oficializada e passou a ser representada pelo DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda.

No Brasil, as pessoas que se envolveram com a palavra escrita na condição de jornalistas, intelectuais, tipógrafos, professores, escritores ou editores, até meados da década de 1980, quando se encerram os regimes ditatoriais, foram em muitos momentos responsabilizadas como mentores de idéias perigosas.

Jorge Amado foi um dos escritores brasileiros editados por José Olympio que na década de 1930 tinha seus livros na lista dos condenados e procurados. Graciliano Ramos foi outro autor perseguido e preso pelas idéias que representava. O registro de próprio punho na primeira página de *Angústia* denuncia:

*A José Olympio, o  
homem que, publicando  
êste livro em 1936, se  
arriscou a ir para a  
colônia correcional, como  
o autor.*

*Graciliano Ramos 1952*

Em *Vidas Secas* encontramos na dedicatória o registro em letra cuidada das seguintes palavras:

*Ao José Olympio, amigo  
dos tempos duros, êste livro  
feito em 1937, num fundo  
de pensão ordinária.*

São tantos os horizontes que podemos vislumbrar de uma biblioteca que as idéias até aqui expostas representam apenas uma

de suas incontáveis perspectivas. Os livros oferecem tal variedade de discursos que tornam a biblioteca um local privilegiado de oposição a todo discurso dogmático, o que não é pouco em favor das liberdades humanas.

À biblioteca de José Olympio, protegida pelo céu de Batatais, há uma outra consideração a ser feita, deixou de ser uma biblioteca doméstica para representar a riqueza de uma coleção pública, uma biblioteca da coletividade batataense, um bem para ser utilizado por todos, indistintamente. Uma biblioteca não apenas para emprestar livros, mas para abrir janelas para infinitas possibilidades de conhecimentos, um espaço estimulante à aquisição de idéias próprias, num ambiente onde deparamos com a circulação da memória organizada da sociedade, em consonância com a espontaneidade do cotidiano, mostrando que o conflito é inerente à realidade. Um lugar que garante ao leitor o ato de dizer e escrever.

O nome biblioteca indica etimologicamente que ela é um “depósito de livros”, confunde-se com a noção de arquivo, mais um lugar onde se esconde o livro do que o lugar onde se procura perpetuá-lo e fazê-lo circular.

Tendo surgido antes do livro, a biblioteca composta de “tabletas de argila”, rolos de pergaminho, dos grandes volumes manuscritos da Idade Média, acompanhou a evolução social. Com o aparecimento do livro tipográfico, adquiriu uma nova dinâmica, distanciando-se do caráter de um mero depósito de livros e sua passividade foi substituída por um dinamismo que leva o livro para domínios até então inacessíveis.

José Olympio atribuiu à sua biblioteca esse caráter dinâmico. O adjetivo pública que a ela se juntou corresponde ao desejo de abri-la aos interessados, na vanguarda da luta para preservar e organizar os conhecimentos humanos, colocando-os ao serviço de toda coletividade, sem qualquer distinção profissional, religiosa ou social.

Neste sentido, a dedicatória que Guimarães Rosa escreve em 1956, no livro *Corpo de Baile*, bem pode estender-se ao gesto desprendido, traduzido pelo desejo de José Olympio de que leitores de sua terra natal pudessem ter em mãos parte da literatura que ganhou força no Brasil a partir de 1931, com um batalhão de escritores brasileiros.

*A José Olympio  
generosa inteligência e*

*formidável valor humano  
a serviço da cultura  
brasileira, -*

*Sincera homenagem de  
admiração  
gratidão e  
amizade  
do*

*seu  
Guimarães Rosa  
Rio, 27-II-56.*

### **O poeta e o editor**

Foram os livros e suas idéias que provocaram o encontro de José Olympio, reconhecido ao seu tempo como J.O., e Carlos Drummond de Andrade, a quem os brasileiros chamam carinhosamente de Drummond, que, desembarcado de Minas, passou a freqüentar uma certa casa com um colorido de vanguarda inexistente em outras casas do Rio de Janeiro.

J. O. sempre reconheceu sua editora como a Casa. Uma vez instalada a sede definitiva criou-se a Casa da Casa. Sobre ela, Drummond, em conversas com a amendoieira plantada diante do apartamento onde morava, confidenciou que não se tratava apenas de uma simpática livraria, era também uma editora revolucionária que lançava com o mesmo ímpeto nomes muito ou pouco conhecidos, da esquerda, direita ou centro. Revela que J.O. criou em torno da concreticidade das relações profissionais algo abstrato que prevalecia sobre tudo, a que ele chamava a Casa.

A convivência na Casa ofereceu a Drummond, poeta tímido, a possibilidade de analisar J.O. como um excelente praça que não editava apenas, interessava-se pelos editados, aos quais ficava querendo bem e ajudava em silêncio.

Os livros editados pela Casa eram diferentes e elegantes, o formato padronizado e as capas desenhadas, a apresentação gráfica cuidadosamente organizada, aspectos que fomentavam nos escritores o desejo de figurar em seu catálogo.

Dentre as diversas significações sobre a existência da Casa para a literatura brasileira que podem ser apresentadas, fica a constatação de que não é possível a compreensão da efervescência de idéias, da circulação de livros, sobretudo da década de 1930, sem

a presença de J.O..

A Casa certamente ficou feliz com os livros de Drummond, que, ao lado de Rachel de Queiroz, compunha a galeria de gênios que J.O. conhecia e com os quais conviveu. Por seu intermédio chega às mãos do leitor toda a sensibilidade através da qual o itabirano do Rio olhava a realidade.

Drummond expressou a gratidão em cordiais e afetuosas dedicatórias de cuidadosas palavras dirigidas a J.O.. Quando vamos abrindo cada livro, deparamos com cada um dos passos que selaram o companheirismo, o respeito e a admiração mútua.

Em *Poesias*, editado em 1942, imaginamos Drummond fazendo o arranjo das palavras para expressar junto ao seu editor o reconhecimento da importância de seu ato:

*A José Olympio  
que mudou o ramo do*

*livro*

*no Brasil.*

*cordialmente*

*Carlos*

*Drummond.*

Em 1946, na página em branco do livro *A Rosa do Povo*, assim escreveu o poeta:

*Ao caro José Olympio  
que trouxe ao negócio editorial  
no Brasil dois elementos  
raros: inteligência e sensibilidade,*

*o seu amigo*

*Carlos Drummond.*

Corria o ano de 1951, quando Drummond revela em *Contos de Aprendiz* mais uma face de J.O.:

*A José Olympio  
que sabe fazer não somente*



Carlos Drummond de Andrade  
e José Olympio

*livros, mas também amigos,  
cordialmente  
o seu amigo  
Carlos Drummond.*

Quando a Casa lançou uma nova edição de *Contos de Aprendiz*, a amizade entre o editor e o poeta se consolidaria e Drummond se transformaria num eterno aprendiz.

*Ao querido José Olympio, amigo de  
sempre,  
o abraço afetuoso do velho  
aprendiz.*

*Carlos  
Rio, XII, 1963.*

O tempo da amizade vai adiantando-se e, como dedicatória, em *Claro Enigma* a quadra de louvor ao amigo com a sensibilidade de quem a reconhece a cada dia. Nela Drummond fala do grande momento que a Casa vivia em meados do século XX.

*No Olimpo literário, José Olympio  
merece do louvor a nobre palma  
pois soube conservar – agudo instinto –  
a poesia na ação e dentro dalma.*

As palavras que Drummond dirige ao amigo são pródigas, os vestígios de admiração que a convivência se encarrega de fortalecer vão mais e mais revelando o encontro.

*Ao meu caro José Olympio  
oferece cordialmente este livro,  
que foi crescendo com a admiração  
e a amizade do autor  
ao seu editor.*

Foi a dedicatória deixada no livro *Fazendeiro do ar x Poesia até agora*, no dia 8 de dezembro de 1954.

Quando Drummond novamente encorda sua *Viola de Bolso*, apresenta ao amigo coisas que só a literatura pode nos dar. Ali o

poeta não precisou de nenhum esforço para retirar o peso e traduzir na escrita o ideal de leveza da convivência humana, do aconchego de uma casa de amigos.

*A J.O., que nos ensina  
de maneira simples e certa  
o que deve ser uma Casa:  
firme, de porta sempre aberta,  
e a cordialidade mais fina  
pairando no ar, feito uma asa.  
Com um abraço do seu amigo  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio 4.VIII.1955*

Folheando o *Viola de Bolso*, em meigo tom, mais uma construção literária, engenhosa, da simbiótica imagem do livro e seu materializador.

*A José Olympio  
Que coisa é o livro? Que contém na sua  
frágil arquitetura transparente?  
São palavras, apenas, ou é a nua  
exposição de uma alma confidente?  
De que lado brotou? Que nobre instinto  
da prensa fez surgir essa obra de arte  
que vive junto a nós, sente o que eu sinto  
e vai, clareando o mundo em tôda parte?  
Meu caro José Olympio, sê louvado  
pelos livros que o tempo vai guardando,  
nascidos dos teus sonhos no passado,  
pois cada livro ao tempo irá lembrando  
o que a vida de um homem pode ser  
quando ele sabe amar e compreender.*

Era 1957 quando a Casa edita *Fala, Amendoeira*; ler a dedicatória ouvindo o silêncio do tempo é puro encantamento.

*Duas letras apenas,  
J.O.: mas em tórno,*

centenas e centenas  
de livros – não adôrnô,  
e delícia da traça:  
ferramentas de estudo,  
formas de vida e graça,  
amor, saber e tudo  
que o Brasil já lhe deve  
em cultura espalhada:  
J.O. – nome breve  
e extensa caminhada.

Ao caro José Olympio  
Carlos Drummond de Andrade

Em *Poemas*, a cumplicidade dispensa qualquer outra palavra.

Para José Olympio,  
Sem precisar dizer as muitas razões  
porque o admiro e lhe quero bem, o  
Carlos  
Rio, XII, 1959

Em *Lição de Coisas*, ensina que:

A J.O., isto é, à Casa,  
plantada em terra, mas com asa  
O abraço amigo do  
Carlos  
Rio, VI, 1962

No livro de crônicas *Cadeira de Balanço*, a poesia embala as palavras da dedicatória.

Ao caro José Olympio,  
que, por ser da minha geração,  
sabe aproveitar o balanço das  
cadeiras de balanço,  
com um abraço amigo de  
Drummond  
Rio, maio, 1966.

Na dedicatória de *Versiprosa*, o poeta brinca com as palavras que

dirige ao amigo.

Ao caro José Olympio,  
lembrança em versiprosa  
- sobretudo, em velha  
amizade – do

Drummond

Rio, IX, 1967

O pequeno manuscrito do Natal de 1968 em *Boitempo & A falta que ama* cuida das lembranças em comum da infância mineira ou paulista daqueles que nasceram no Brasil do início do século XX.

A José Olympio  
com um abraço afetuoso,  
estas coisas mineiras que  
são também um pouco  
paulistas, e da infância  
de todos nós.

Carlos Drummond de Andrade

Rio

Natal

1968

Pouco a pouco o mosaico de dedicatórias vai compondo o convívio, a proximidade, a camaradagem entre os dois amigos. No livro *Seleta em Prosa e Verso*, a jovialidade de J.O. é invocada quem sabe numa referência à sua disponibilidade com os amigos.

A José Olympio, jovem da  
minha geração, criador da Casa  
sempre jovem,  
o abraço amigo e fiel do

Drummond

Rio, julho 1971

Com 70 anos de idade, Drummond escreve sobre *O poder ultra-jovem* e expressa a alegria de ser avô.

Meu caro J.O.:

Se não somos mais o poder  
ultrajovem, pelo menos temos  
a alegria de amá-lo e  
compreendê-lo.

Ao avô e amigo, o

abraço do  
Drummond

Em 1979, com seu *Esquecer para Lembrar*, Drummond divide com o amigo a sua constatação da dinâmica das lembranças, ou da saudade?

Ao querido José Olympio,  
estes retratos de uma infância  
de Itabira que não deve  
ter sido muito diferente da  
infância de Batatais,  
Um abraço fraterno do  
velho companheiro  
Drummond  
Rio, XII, 1979.

Pelo olhar sensível de um amigo, na cronologia das dedicatórias delinea-se poeticamente uma digna imagem de J.O.. Para uma justa lembrança, nada é preciso acrescentar, nenhuma palavra nova sequer.

Devo confessar que a paixão por livros sempre me manteve próxima de J.O. e de Drummond, mas transcrever as dedicatórias, em alguns momentos, fez-me sentir uma intrusa. Não quero carregar esta sensação, quero cultivar a idéia de que a Casa não ficou magoada, a Casa está feliz porque tinha alma.

A Casa continua, o poeta continua.

BASAGLIA. Claudete Camargo Pereira. Jotaó: "House planted on the ground but with wings". AMICUS, Batatais-SP, nº 6, p.91-106.

ABSTRACT: Thoughts elaborated from the written dedications offered to the Editor José Olympio by some Brazilian writers such as Carlos Drummond de Andrade, which are now included in the collections belonging of the Library Altino Arantes and to the Libray of the Centro Universitário Claretiano, both located in his hometown, Batatais.

KEYWORDS: José Olympio, books, dedication, Carlos Drummond de Andrade, libraries.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.
- \_\_\_\_\_. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Contos de Aprendiz*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.
- \_\_\_\_\_. *1951*.
- \_\_\_\_\_. *Claro Enigma*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Viola de Bolso: novamente encordoad*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Fala, Amendoeira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1957.
- \_\_\_\_\_. *Poemas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Lição de Coisas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Contos de Aprendiz*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Cadeira de balanço*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Versiprosa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Boitempo & A falta que ama*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Seleto em Prosa e Verso*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1971.
- \_\_\_\_\_. *O poder ultra-jovem*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Esquecer para lembrar (Boitempo III)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Angústia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Vidas Secas*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio

Editora, 1947.

ROSA, João Guimarães. *Corpo de Baile*. 1º vol. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

Crédito de foto: pag. 99 - Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís.

## UMA REVISTA CÍVICO-LITERÁRIA, NO ANO DO NASCIMENTO DE JOSÉ OLYMPIO

Walter CARDOSO \*

RESUMO: Ao se comemorar o centenário do nascimento do editor batataense José Olympio, é oportuna uma referência ao contexto literário de Batatais daquele ano de 1902, quando se lançou a *Revista da Sociedade Cívico-Litteraria-Batataense*, órgão que bem indica o burburinho intelectual então vivido na cidade. As características da revista e a contribuição de seus principais colaboradores são aqui tratadas.

UNITERMOS: Revistas, *Intelligentzia*, abolição, Independência e civismo.

### 1. Contexto Histórico

Na última década do século XIX e nos primeiros anos da seguinte, surgem, no Estado de São Paulo, diversas revistas que se propõem a abordagem de questões culturais. Nelas, ficam bem evidenciadas preocupações pedagógicas, cívicas, literárias, enfim, publicações que não pretendiam propiciar mero entretenimento, mas trazer contribuições para aprimoramento da sociedade, através do despertar do "povo ainda imaturo" para as questões do espírito, tidas como as mais nobilitantes.

Tais publicações, vistas sob prisma de captação de seus elementos estéticos, constituem fatos literários dignos de registro. Além disso, se levarmos em consideração as repercussões de certos fatos que então ocorreram, seremos levados a admitir que tais publicações constituem também fatos históricos. Com efeito, proclamada a República, viveu-se pouco depois o conturbado período florianista e a tragédia de Canudos. Mas a comemoração do 4º Centenário do Descobrimento vai encontrar a República consolidada. Federação na qual o poder encontra-se em boa parte nas mãos do Partido Republicano Paulista. Para se manter tal hegemonia, buscou-se manter a ordem vigente, estimulando o patriotismo, tarefa na qual as revistas de cultura engajaram-se.

\*Doutor em História Social, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

Sobre tais publicações, estudadas por Antônio Barreto do Amaral (1908, p. 125-75), registram-se aqui ao menos algumas, lançadas na última década do século XIX: *Aurora Juvenil*, vinda à luz em 1892, revista literária defensora da "liberdade e do pensamento"; *Revista Moderna*, desse mesmo ano, destinada a assuntos pedagógicos, científicos e literários; *Revista Literária*, lançada em 1895; *São Paulo Histórico*, desse mesmo ano, precursora da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*; *A Mensageira*, lançada em 1898, destinada à mulher; *Borboleta*, revista literária; *Album de Meninas*, defensora de preceitos morais; *Capital Paulista*, em fins do século, revista de artes e letras; *O Chromo*, revista literária; *Santa Cruz*, lançada em 1900, dirigida pelos padres salesianos.

Em início do século XX, surgem: *Iracema*, revista literária; *O Mês e Fênix*, publicações literárias, científicas e artísticas; *Revista do Ensino*, em 1902, subsidiada pelo Governo do Estado; *Educação*, também de 1902, destinada à difusão da ciência, arte, religião, filosofia, moral e higiene; *A Ilustração Brasileira*, lançada em 1903, dedicada à literatura, teatro, música, pintura, etc.; *São Paulo Ilustrado*, mesmo ano, semanário de arte, humorismo, científico e literário. Seguem-se outras revistas, todas sintomáticas de um período de intenso empenho em divulgação de cultura, associada ao espírito cívico.

Em Batatais, nessas duas décadas (1891-1910), ocorreu uma "profusão de títulos" de periódicos (Amaro, 2000, p.14), o que, de certa forma, constitui indício do estímulo de políticos locais às letras. De tais publicações, merece destaque a *Revista da Sociedade Cívico-Litteraria-Batataense*, lançada no dia 7 de setembro de 1902, aliás, ano de nascimento de José Olympio. A Sociedade, fundada que fora no dia 13 de maio daquele mesmo ano, visava a "cultuar os acontecimentos máximos de nossa história" (Frans, 1946). Dentre os principais idealizadores da entidade, destacam-se Altino Arantes, Renato Jardim, Antônio do Nascimento Moura e Sinésio Passos, todos colaboradores do primeiro número da revista.

Os objetivos da *Revista* ficam bem evidenciados em sua apresentação, feita sob o título "Duas Palavras": não se pretendem "campos de peleja, nos quais se ferem os combates do pensamento", mas apenas divulgação de tudo o que "puder realizar em prol da educação e em auxílio ao diletantismo literário". Vale dizer, praticar literatura simplesmente por gosto. Os redatores desse edital admitem ser "profanos nesse culto admirável da arte moderna, que vai extinguindo nas produções de hoje todas as regras", portanto, não



Fac-símile da capa da Revista da Sociedade Cívico-Litteraria-Batataense  
Ano I, Nº 1

Acervo Arquivo da Câmara Municipal de Batatais-SP

se integravam eles "nas fileiras dos revolucionários da Arte".

Os editorialistas admitem que a cidade conhece então um acentuado desenvolvimento intelectual, caracterizado por uma benéfica reação "ao prosaísmo de nossa existência de cidade sertaneja, essencialmente industrial e agrícola". Nesse quadro progressista, cumpria difundir a educação cívica, através da comemoração de importantes datas nacionais, bem como levar ao conhecimento do "povo menos culto" a história de episódios gloriosos da pátria.

Além desse editorial – de responsabilidade de Altino Arantes, Antônio do Nascimento Moura e Synésio Passos – a revista publica ainda material assinado por sete autores. Estes, certamente, fazem parte do que se poderia chamar de *intelligentzia* local, alinhada àquela consciência de nacionalidade, que se propugnava na virada do século. Guardadas as devidas proporções, pode-se dizer que a sociedade Cívico-Literária-Batataense figura dentre as precursoras da Liga Nacionalista, fundada em 1917, por alunos da Faculdade de Direito, por onde já haviam passado Washington Luís e Altino Arantes.

## 2. A questão abolicionista, segundo Altino Arantes

De índole liberal e republicano convicto, Altino Arantes desde cedo teve consciência do papel de relevo que lhe cabia na República Velha. Assim, em plena juventude, ei-lo já ao lado de Washington Luís e Joaquim Celidônio Júnior, redigindo o semanário *A Lei*, cuja edição de 30 de abril de 1897 publica artigo seu sobre a tragédia de Canudos. Nesse texto, Altino adverte para que não se vissem naqueles seguidores de Conselheiro – populações sertanejas carentes, em busca de uma palavra de fé – pretensos grupos de restauradores da Monarquia. Se o governo da República temia por esse perigo, "a Nação ouve com um sorriso de dúvida e de desdém a linguagem de seus governantes". Mesmo porque, "a pregação de Antonio Conselheiro é a mesma até hoje: nos seus planos de regeneração social não entra a pretensão estulta de mudar o atual governo. O nosso regime político não está em perigo". Que se solucionasse a questão de Canudos de forma enérgica, porém justa. "Não se iluda a Nação com 'vãs caraminholas de restauração monárquica', não explore, em proveito próprio, os sentimentos republicanos do povo..." (Arantes, 1958, p. 155-6). Era a denúncia que, cinco anos depois, Euclides da Cunha faria em *Os Sertões*.

No curto espaço de tempo em que Altino Arantes participou da política local, fê-lo sempre com relevo. Filho do Coronel Francisco Arantes Marques – importante chefe político, que entre 1872 e 1890 ocupara, por diversas vezes, a presidência da Câmara Municipal – Altino associou o prestígio paterno aos seus próprios dotes, destacando-se como culto e brilhante orador, fundamentando-se em textos jurídicos dos mais conceituados. Assim, quando em 1898 ocorre disputa entre municipalistas e partidários do governo estadual, para se definirem as datas das eleições locais (para essa questão, vide, p. ex., Debes, 1994, p. 42-4), Altino defende as determinações estaduais, fundamentado em autores como Bryce (*The American Commonwealth*), Pomeroy (*Introduction to the Constitution of the United States*), Tocqueville, etc. (Frans, 1939 a, p. 180-2). Aliás, já no ano anterior, quando se pretendeu criar em São Paulo o Partido Republicano Democrático, recebeu-se em Batatais convite para reunião a se realizar na Capital do Estado, a fim de se tratar de fundação dessa agremiação. Não cabem neste texto referências aos fatos ocorridos nesse encontro, mas cumpre registrar que nele Batatais se fez representar por Altino Arantes (Arantes, 1958, p. 376).

Quanto à veia cultural-literária de Altino Arantes, registre-se que, a exemplo do ocorrido com outros políticos locais de seu tempo – inclusive Washington Luís –, ele também se dedicou ao teatro, chegando mesmo a escrever uma peça intitulada "Honra Artística", baseada em romance de Otávio Feuillet (Arantes, 1958, p.372).

É, pois, nesse contexto, que Altino pronuncia discurso em sessão cívica, realizada em Batatais, no dia 13 de maio de 1902, publicada na *Revista*. Data em que, obviamente, comemorava-se a Lei Áurea.

A fim de justificar a importância das lições do passado, inspiradoras da coragem para o presente e esperança para o futuro, devia-se, para o orador, atentar para o estadista francês Gabriel Hanotaux, que em brilhante discurso – publicado na *Revue Universalle*, março de 1902 – advertia para a necessidade da "lembrança das grandes ações e das vidas ilustres que serão para o futuro, modelos de exemplo..." (*Revista*, p.3).

Assim, era imperioso que se examinasse a questão daquela "barbaria do homem", que fora a escravidão, praticada na Assíria, Babilônia, Tiro, Cartago, Judéia, Egito, Grécia, Roma... Para que se chegasse à liberdade, era necessário, conforme Letourneau – citado por Michelet em *Bible de l'Humanité*, "que o coração estimule a

inteligência e que a inteligência ilumine o coração" (*Revista*, p.4).

Além de citar autores de língua francesa – o que era comum naquele tempo –, o orador passa, em seguida, a examinar o caso brasileiro, fazendo então referências a Joaquim Nabuco (*Minha Formação*) e B. Machado (*Discursos*), para depois reproduzir longo trecho do pronunciamento do deputado Francisco de Sales Torres Homem, em sessão do Senado, realizada em 5 de setembro de 1871 (*Annaes*, 1871, p.55 e segs.), em defesa da Lei do Ventre Livre, quando essa matéria centralizara a atenção daquela Casa. Segundo Altino, para se compreender tal processo, era necessário considerar sobretudo a lei de 1850, que extinguiu o tráfico negreiro, a lei de Ventre Livre, bem como a importância de abolicionistas do porte de Patrocínio, Rebouças, Nabuco, etc.

Certamente, trata-se de um pronunciamento recheado de preciosismos, próprios daqueles tempos. Daí, a referência ao fim da escravidão "da terra poética, que os ardores do sol tropical queimam e secam, mas que as vagas murmuradas dos 'verdes mares bravios' beijam incessantemente numa carícia longa e doce, meiga e refrigerante..." (*Revista*, p.7).

Segundo Altino, era necessário considerar que a abolição da escravatura não se fizera por uma revolta, como nos Estados Unidos, mas graças a uma evolução, que levava a um mútuo e irresistível impulso de fraternidade, aproximação de dois irmãos por longo tempo separados, que afinal se encontram e se abraçam enternecidamente. Mensagem de exortação patriótica, à medida que seu autor lembra que os continuadores das tradições heróicas de Henrique Dias, na hora em que houver necessidade de defesa da Pátria, "os escravos de ontem serão conosco só valentes soldados de amanhã" (*Revista*, p.8). Pronunciamento, portanto, compatível com os propósitos da Sociedade Cívico-Literária, da qual a *Revista* era órgão oficial.

### 3. A abolição, segundo Antônio do Nascimento Moura

O autor citado em epígrafe, natural do Serro, Minas Gerais, foi lente da Escola Agrícola de Batatais, inaugurada em 1902. Foi também colaborador do jornal *Comarca de Batatais*. No mesmo dia em que Altino proferiu o discurso acima referido, Nascimento Moura também fez o seu, abordando o mesmo tema, discurso esse também publicado pela *Revista*.

Eis, pois, nesse orador, expressões como "a voz do patriotismo", ou "culto santo do amor à Pátria", intercalando-se

com as contribuições do "clarão da ciência", pois as luzes desta passarão a brilhar "nas partes escuras do nosso globo" (*Revista*, p.11), luzes da civilização e do progresso. Seria a vitória da ciência, levando à liberdade o espírito humano, seria o hino do progresso, inspirado no amor.

O autor faz um relato de sua própria experiência em 1888, quando criança, viu "o corpo azevichado de um escravo baloiçando em um sarilho e seus gemidos sucedendo-se aos golpes da vergasta." (*Revista*, p.11). Felizmente, graças ao Barão do Rio Branco, Nabuco, Patrocínio e tantos outros, a razão vencera. Restava que em outras partes do mundo também se fizesse justiça, que as nações poderosas deixassem de oprimir as fracas, para que todos alcançassem aquela prosperidade, para que, no "ápice, bem alto para que mais se avizinha dos esplendores do Sol", ficasse gravado o nome da pátria e a figura de Santos Dumont, "bafejando pelos ventos que seu gênio conseguiu dominar".

Portanto, discurso menos erudito do que aquele de Altino, porém com uma associação de positivismo e sentimentalismo, a serviço da proposta da *Revista*.

### 4. Renato Jardim e a Independência

Fluminense, de família de cafeicultores procedentes de Resende, que se estabelecem em São Simão, Renato Jardim inicia sua carreira política em Batatais, como suplente de vereador. Em 1898 é presidente da Câmara, sendo no ano seguinte eleito Intendente Municipal, cargo que ocupou até 1903.

Suas preocupações com as questões educacionais do município ficam evidentes, quando se examinam as repercussões de seus projetos. Assim, em fins de 1899, enviou ele plano à Câmara, para a reformulação da instrução pública municipal, o que lhe valeu, no ano seguinte, voto de louvor da Casa. Em 1901, apresentou projeto para a criação de escola agrícola. Aprovado pela edilidade, o estabelecimento recebeu seu nome (Pereira & Magalhães, 2002, p, 66-7).

Em seu artigo da *Revista*, Renato Jardim aborda a questão da Independência. De imediato, reconhece ele a impossibilidade de tratar da evolução histórica de tão extenso assunto, naquelas poucas colunas. Assim, inicia suas considerações a partir da Inconfidência Mineira, deixando à margem os movimentos nativistas que a antecederam. Faz referências à chegada do Príncipe Regente ao

Brasil, à abertura dos portos, sugerida por José da Silva Lisboa, bem como ao desenvolvimento do Brasil, ao tempo em que aqui esteve a Família Real. Nomes como os de Elói Otoni, Frei José Mariano da Conceição Veloso, Aires de Cabral, Frei Leandro do Sacramento e muitos outros são registrados pelo autor, sem entrar em maiores detalhes.

Seguem-se as referências à revolução constitucionalista do Porto e, como conseqüência, o regresso de D. João VI a Portugal, deixando no Brasil o Príncipe Regente D. Pedro. Daí o processo de Independência, com a citação de nomes, como os de Gonçalves Ledo, Jenuário Barbosa, José Bonifácio, João Clemente Pereira, bem como a ação das lojas maçônicas. E, após o Grito do Ipiranga, a efetiva implantação do novo governo, quando as tropas leais a Portugal são expulsas do território nacional.

Bem compatíveis com o espírito da *Revista*, são as palavras que enaltecem o 7 de setembro, "símbolo venerando da sacratíssima cruzada de libertação da pátria" (*Revista*, p.24).

Certamente, para os estudiosos da história do Brasil, o discurso de Renato Jardim não apresenta grande conteúdo. Entretanto, é necessário considerar que ele faz referências a Varnhagen, então nosso mais importante historiador, cuja obra Capistrano de Abreu se propunha a comentar. Há também em Renato Jardim citações de João Ribeiro, cuja *História do Brasil* era obra recente, pois fora publicada em 1900. Tido por alguns como humanista moderno, esse autor representa um passo importante no desenvolvimento da historiografia moderna.

Não parece fora de propósito admitir-se que Renato Jardim foi, mental e temperamentalmente, um educador, nos moldes daqueles cultores da então chamada História Pátria.

## 5. Escritores, poetas e cronistas

Segundo Jean de Frans, Arthur Gouveia, natural de São Simão, era advogado e jornalista (1939 b, p. 26), dado a redigir "croniquetas adocicadas e azulinas, redondilhas sempre de expressões rebuscadas" (1939, a, p. 154). Renato Jardim, ao recordar seu próprio passado com certo sentimentalismo, vai se referir a Arthur Gouveia como "bom rapaz que muito cedo desertou deste mundo". A ele, refere-se também Renato como autor de composições em prosa como aquela da paixão de um pastor solitário: "Assim como o pastor enamorado também eu de balde

procuro a luz irradiante de teu formoso olhar..."

Convertido em sextilhas pelo próprio autor, o texto acima passa a ser:

"Assim como o pastor enamorado,  
Em vão também procuro desolado,  
A luz do teu olhar..." (Jardim, 1946, p. 179-80).

De Arthur Gouveia, há na *Revista* breve texto de meia página, intitulado "Sete de Setembro". Nele, o autor fez referências às águas límpidas e rumorosas do Ipiranga", ao "alvorecer de nossa nacionalidade", ou ao "lendário vulto de José Bonifácio, o Patriarca" (*Revista*, p. 9), tudo naquele estilo já observado por Jean de Frans, conforme linhas acima.

Arthur Gouveia faz também referências a Alberto Sales, ideólogo do movimento separatista de São Paulo, liberal com influências positivistas, associadas àquele darwinismo social, assimilado no Brasil, via Spencer. Como se sabe, Alberto Sales, em *A Pátria Paulista*, não se volta apenas contra a Monarquia, mas é favorável a um federalismo que levasse finalmente à separação (Aducci, 2000, p. 84 e segs.).

Portanto, pode-se dizer que Arthur Gouveia tinha ao menos alguma consciência do potencial político paulista, na segunda década republicana.

Sobre Manuel Honório de Oliveira Pinho, também colaborador da *Revista*, Jean de Frans registra que foi "poeta condoreiro, autor de esplêndidos alexandrinos" (sic.) (1939 b, p. 154), esteve ligado ao Partido Nacional, de tendência nacionalista exacerbada. Cultor da memória de Floriano Peixoto (falecido em 1895), Honório Pinho dedica ao Marechal de Ferro a poesia em sextilhas, intitulada "Pátria e Floriano", onde o pendão auriverde é exortado a curvar-se reverente ante a luz de seu cruzeiro:

"E enxugar em teu regaço o pranto brazeiro (sic.)  
Que é morto do Brasil, o Grande marechal!..." (*Revista*, p.13).

Finalmente, o farmacêutico, advogado e colaborador de *A Comarca de Batatais*, Synésio Passos, participante da política local, ao lado dos situacionistas. Sob o pseudônimo de Nésio de Avellar (Frans, 1939 a p. 154), escreve crônicas, inclusive aquela publicada pela *Revista* (p. 25).

Trata-se de um texto que não aborda tema cívico-literário, pois sob o título de "Chromo", o autor narra diálogo entre "viajor peregrino" e o "anjo da Esperança". Parábola marcada por palavras como tristeza, miséria, abandono, mágoa, fadiga, saudade...

## 6. Conclusão

A exemplo do que acontecia com a maioria dos jornais locais daquele tempo, a *Revista* teve vida por demais efêmera, pois não passou do primeiro número (Frans, 1939 b, p. 155). Essa vida curta talvez não indique rejeição dos leitores, ante certa superficialidade, verbalismo e mesmo carência de um espírito crítico, que foram características comuns aos articulistas da *Revista*. Mesmo porque, naquele ambiente sociocultural de pequena cidade interiorana, não se poderia pensar que os cívico-literatos fossem arcaizantes mal vistos, por se colocarem ao lado de fiéis conservadores, em oposição aos precursores que em outros centros iam despontando e que eram pela *Revista* depreciativamente chamados de "modernos".

Possivelmente, a *Revista* deixou de circular porque defrontou-se com certa apatia, e não a necessária receptividade. Isso teria levado seus principais mentores a desacreditar naquela patriótica cruzada. Por outro lado, a cidade de Batatais não ofereceria aquelas almeçadas possibilidades de vãos políticos mais altos, daí o êxodo de alguns. Aliás, quando a *Revista* foi publicada, Washington Luís – cujo nome está registrado entre seus colaboradores – já transferira seu domicílio para São Paulo, onde em breve daria importantes passos de sua fecunda trajetória política.

Quanto a Altino Arantes, ei-lo já deputado estadual na legislatura de 1906 a 1908, início de uma importante carreira política marcada por elevados cargos, como o de presidente do Estado. É oportuno registrar que nesse período (quadriênio 1916-1920), Altino acolheu no Palácio dos Campos Elíseos o então jovem José Olympio, que chegava à Capital, trazendo sonhos e esperanças, caixeiro da Casa Garraux (Villaza, 2001, p.58), que um dia teria sua própria editora. Nela, um dia seriam publicadas as memórias do então morador do Palácio do Governo...

Renato Jardim, mental e temperamentalmente um educador, transferiu seu domicílio para Ribeirão Preto em 1905, onde, além de chefe do poder executivo local, foi lente e diretor do ginásio da cidade. Em São Paulo, Renato Jardim foi diretor da Escola Normal e, posteriormente, ministro do Tribunal de Contas (Arantes, 1958,

p. 367).

Que penas mais hábeis do que a nossa encontrem os rumos tomados pelos demais colaboradores da revista.

CARDOSO, Walter. A civic literary magazine, by the year of the birth of José Olympio. AMICUS, Batatais-SP, nº 6, p.

ABSTRACT: When celebrating the centennial anniversary of the birth of the editor from Batatais José Olympio, it is worth to bring to light again the literary context of Batatais by that year of 1902, when the Magazine of the Civic Literary Society was first released. The characteristics of this magazine and the contributions of the main collaborators are discussed.

KEYWORDS: magazines, *intelligentzia*, abolition, independence, civic.

## REFERÊNCIAS

- a) Documentação  
*Annaes do Senado do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: 1871.  
*Atas das Sessões da Câmara Municipal de Batataes*. Biblioteca e Arquivo da Câmara Municipal de Batataes, SP.  
*Revista da Sociedade Cívico-Litteraria-Batataense*. Batatais, SP: Ano I, Número 1, 7 de setembro de 1902.
- b) Bibliografia  
Aducci, C. C. A "Pátria Paulista" – O Separatismo como resposta à crise do Império Brasileiro. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa oficial, 2000.  
Amaral, A. B. "Nossas revistas de cultura: ensaio histórico literário", *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: 31 (174), Jul-Set. 1968.  
Amaro, S. C. "Os anúncios em jornais antigos de Batatais", *Amicus*. Batatais, SP: Ano I, nº 1, julho 2000.  
Arantes, A. *Passos do meu caminho*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.  
Debes, C. *Washington Luis: primeira parte 1869-1924*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1994.  
Frans, J. de. *Bom Jesus da Cana Verde (Batataes de Outr'ora)*. São Paulo, s.c.p., 1939 a.  
\_\_\_\_\_. *Gente de Minha Terra (Batataes Outr'ora)*. São Paulo: s.c.p., 1939 b.  
\_\_\_\_\_. "Sociedade Cívico Literária Batataense", *O Jornal*. Batatais, SP: nº 360, 10/01/1946.

Jardim, R. *Reminiscências*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.  
Pereira, R. A. & Magalhães, S. M. de. "Renato Jardim, autonomista e educador", *Amicus*. Batatais, SP: Ano III, nº 5, Maio 2002.  
Villaça, A. C. *José Olympio: O descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2001.

## OS TEMPOS HERÓICOS DA RÁDIO DIFUSORA DE BATATAIS (1947-1960)

Clotilde de Santa Clara Medina Cardoso\*

RESUMO: Entende-se por tempos heróicos o período que se inicia com a fundação da ZYN8, Sociedade Rádio Difusora de Batatais, ocorrido em 1947 e que termina em fins de 1960, quando a Rádio é comprada por José Molina, seu atual proprietário. Aborda-se, em breves linhas, a incipiente tecnologia que envolve as transmissões radiofônicas, bem como os programas da Rádio de Batatais e seu *modus vivendi*.

UNITERMOS: Ondas sonoras, rádio, programas, locutores, cantores.

Nós somos as cantoras do rádio,  
Levamos a vida a cantar.  
De noite embalamos teu sono,  
De manhã nós vamos te acordar.  
Nós somos as cantoras do rádio.  
Nossas canções, cruzando o espaço azul,  
Vão reunindo, num grande abraço,  
Corações de Norte a Sul.  
João de Barro e Lamartine Babo

### 1. Breves generalidades sobre a radiodifusão

As transmissões radiofônicas só foram possíveis na medida em que foram reunidos os conhecimentos anteriores no campo da radioeletricidade, propiciando o seu desenvolvimento. As "ondas hertzianas" descobertas pelo alemão Heinrich Rudolf Hertz, em 1887, foram o passo inicial dessa longa escalada.

Em 1895, o italiano Guglielmo Marconi (1874-1937), utilizando-se dos estudos de Hertz, criou a antena, direcionando as ondas eletromagnéticas, o que propiciou o desenvolvimento do telégrafo sem fio, enviando mensagens para longas distâncias.

Anos depois, utilizando o telégrafo e com ajuda de uma estação receptora, foi possível registrar notícias de eventos locais, à medida que iam se sucedendo e que eram retransmitidos via telefone para os jornais. Esses experimentos foram realizados na maioria das vezes na Inglaterra.

A construção de um microfone por Reginald Aubrey Fessenden, em 1906, possibilitou a incorporação de sons às ondas

\* Professora de História da Rede Estadual de Ensino, aposentada.

irradiadas, podendo desta forma transmitir a voz humana e músicas de discos, tocadas através de fonógrafos. A partir desse mesmo ano, foram feitas as primeiras experiências utilizando-se o cristal de galena, colocado dentro de uma pequena caixa e ligados a um arame fino, à guisa de antena, que captava os sons das transmissões. Um par de fones de ouvido completava o engenho. Com o aperfeiçoamento do sistema, bastava ao ouvinte ir mudando a frequência através de uma chave colocada sobre a caixinha. Era o chamado "rádio de galena".

A construção de válvulas foi um fator importantíssimo, que, uma vez aperfeiçoado, propiciou transmissões sonoras entre diversas localidades. Em 1911, nos Estados Unidos, já funcionavam quatro emissoras radiofônicas; em maio de 1922, esse número subiu para 29 e, em dezembro, chegava a mais de 300 estações radiofônicas (Tavares, 1997, págs. 39 e 40).

## 2. A radiodifusão no Brasil

O ano de 1922 foi importante para a história sociocultural do Brasil. Tivemos em São Paulo a I Semana de Arte Moderna (13, 15 e 17 de fevereiro) e em setembro as comemorações do Centenário da Independência, realizadas em todo o país, mas com destaque em São Paulo e no Rio de Janeiro.

No Parque da Independência, onde se encontra o Museu do Ipiranga, na capital paulista, foi feita uma grande comemoração cívico-patriótica, com a participação de autoridades e milhares de estudantes, onde Joaquim Antão Fernandes, natural de Batatais e maestro da Banda da Força Pública, regeu o Hino Nacional em marcha-batida de sua criação, com grande orquestra, formada inclusive por banda de clarins (a cavalo) e outra de cornetas, tendo o acompanhamento de um grande coral. Esse modo de execução havia sido oficializado pelo governo, pelo decreto-lei nº 15.671, artigo 7º de 6/8/1922.

No Rio de Janeiro foi realizada a Exposição do Centenário, onde um grupo de empresários americanos demonstrou o funcionamento de uma emissora radiofônica, através de um transmissor instalado no alto do Corcovado e um sistema de "telefone alto-falante" instalado na Praia Vermelha. Todas as noites eram transmitidas para os pavilhões da Exposição músicas, palestras e discursos oficiais.

O médico, etnólogo e professor Edgard Roquette Pinto (1884-1954), percebendo a importância daquele material, resolveu, com a ajuda de seu amigo Henry Charles Moritze, fazer a aquisição do sistema de radiotransmissão da Praia Vermelha, pois o que fora instalado no alto do Corcovado havia sido desmontado. Dessa forma, nasceu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a 20 de abril de 1923, que foi instalada no prédio da Academia de Ciências, da qual Moritze era presidente, e Roquette, secretário.

Como Roquette Pinto acreditava firmemente na educação do povo como fator essencial para o seu engrandecimento, a programação baseava-se unicamente em música clássica ligeira, óperas e textos considerados "instrutivos".

Em São Paulo criou-se a Rádio Sociedade Educadora Paulista, em 30 de novembro de 1923, depois encampada pela Rádio Gazeta de São Paulo, pertencendo hoje à Fundação Casper Libero. Na mesma época, outros estados brasileiros, como Rio de Janeiro, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Sul, também criaram suas emissoras, que no início dos anos 30 já perfaziam o número de vinte e nove.

Essas estações de rádio funcionavam como sociedades, financiadas pelos seus associados, visando a difundir a cultura e favorecer a integração nacional. Por essa razão denominavam-se sempre Rádio Sociedade (do Rio de Janeiro, de São Paulo) ou Rádio Club (Paraná, Pernambuco, e em São Paulo, as de Santos, Ribeirão Preto e Franca, nos primeiros anos da década de 20).

Por determinação estatutária, as radiotransmissoras não podiam aceitar anúncios ou patrocínios comerciais. Salientemos, porém, que as estações trabalhavam precariamente, na maioria das vezes por falta de recursos, além do que, defrontavam-se os técnicos com o enorme desafio de trabalhar com algo totalmente novo, o que causava muitas vezes grandes interrupções no processo de transmissão.

Em 1931, Getúlio Vargas emitiu um decreto, reservando ao governo o direito de conceder esse serviço público a empresas particulares, "mediante condições e prazo certo". Em 1º de março de 1932, baixou o decreto-Lei 21.111, autorizando a veiculação de publicidade e propaganda pelo rádio.

A introdução de mensagens publicitárias - então chamadas "reclames" - originou grandes mudanças no rádio, que perdeu

seu cunho exclusivamente cultural, passando a se tornar popular, uma verdadeira "comunicação de massas", à medida que a todos atingia. Aumentou o número de emissoras, pelo interesse dos ouvintes que procuravam adquirir aparelhos de rádio, após 1930.

A Rádio Record em São Paulo, fundada em 1926 e adquirida em 1931 pelo grupo ao qual pertencia Paulo Machado de Carvalho, foi a primeira líder de audiência. Introduziu a programação política, ao trazer ao microfone para "palestras instrutivas" o político batataense Altino Arantes, ex-presidente do Estado de São Paulo. Depois, a Record organizou a cadeia de emissoras paulistas na divulgação da Revolução de 1932, onde despontou a figura do campineiro César Ladeira, recém-saído da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (*Nosso Século*, nº 17).

Também em São Paulo, tivemos em 1934 a Rádio Difusora, onde Nicolau Tuma criou o termo "radialista".

Mais tarde, tivemos empresas radiotransmissoras ligadas a jornais:

Em 12/9/1936, o grupo do jornal *A Noite* (responsável também pelas revistas *Noite Ilustrada*, *Carioca* e *Vamos Ler*) adquiriu a Rádio Phillips do Brasil, que transformou em Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Instalada no imponente edifício do jornal *A Noite*, bem no Centro do Rio de Janeiro, foi encampada pelo governo em 1940, que a utilizou para propagar a ideologia do Estado Novo.

Em 1937, Assis Chateaubriand, proprietário dos *Diários Associados*, une jornal e rádio, criando a primeira cadeia nacional de comunicações, com a inauguração da Rádio Tupy, em São Paulo, e depois a do Rio de Janeiro.

A primeira grande marca de rádios pertencia à holandesa Phillips, que fabricou inicialmente o modelo "capelinha", tendo inclusive montado uma



Rádio modelo "Capelinha"

estação de radiodifusão - a PRC6, Sociedade Rádio Philips do Brasil, no Rio de Janeiro - que serviu como mola propulsora para a venda dos seus aparelhos. O mesmo aconteceu com a RCA Victor, que deu origem à Rádio Transmissora do Rio de Janeiro. À medida que outros aperfeiçoamentos eram introduzidos, iam sendo lançados novos modelos de aparelhos receptores.

### 3. Surge a ZYN8 Sociedade Rádio Difusora de Batatais

"Eu ouvi rádio pela primeira vez através de um aparelho da Leonor Scatena, filha do Sr. Arthur. Ela ligava o rádio alto e punha na janela para as pessoas ouvirem. Ficava assim de gente para ouvir! Até quando eu me casei [1934], acho que não havia rádio em casa do papai." Depoimento de Dona Jorgina Medeiros Pereira (Pereira, 1999, p. 66).

Segundo Karina Elizabeth Serrazes, "as únicas fontes de informação [sobre a revolução de 1932] eram os poucos aparelhos de rádio, o telégrafo, os jornais da capital e as pessoas que desembarcavam na Estação Mogiana vindas de São Paulo." (Serrazes, 2000 p. 75). Os dois registros acima levam-nos a crer que em Batatais ocorreu o mesmo que em outras localidades, sendo aquele importante meio de comunicação integrado aos poucos na nossa sociedade, isso porque novos valores culturais costumavam ser absorvidos aos poucos, e principalmente porque, nos seus primórdios, os aparelhos de radiodifusão eram muito caros.

No ano de 1933, a *Folha de Batataes* veicula anúncio da Casa Minerva, oferecendo rádio Westinghouse WR 25, "de ondas curtas e largas e uma maviosa vitrola de 2 velocidades", ao valor de 5:500\$000 [mil réis], em prestações.

Já na edição de 4 abril de 1938, este mesmo estabelecimento anuncia a venda de rádios Philips, sendo: "aparelho de onda curta e longa 1:180\$000 [mil-réis] de 10 válvulas, ultra moderno 3:400\$000" [mil-réis]

As marcas Telefunken e R.C.A., junto da Philips, vão aparecer em anúncio de outubro desse mesmo ano.

O registrado em linhas acima será melhor compreendido, se considerarmos que a primeira estação radiofônica de Ribeirão Preto, a PRA7, Rádio Club, data de 1923, e que Franca criou sua

PRB5 Rádio Club Hertz, dois anos depois. Os sons da Sociedade Rádio Difusora de Batatais ZYN8 só ganhariam o ar em novembro de 1947, embora a Sociedade tenha sido constituída em 28 de dezembro de 1945.

As pessoas que aplicaram a parte maior do capital, Leopoldino Benedito Bueno e Leopoldino Bueno Júnior, eram de São José do Rio Pardo, e deles não mais temos notícias.

Foram secundados pelos irmãos Ermelindo e Moacyr Dias de Moraes, Gustavo Simioni e Geraldo Malachias, conforme registro na Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP).

"Justino de Moraes & Irmãos-Officina Electro-Mechanica", era uma firma localizada em Batatais, na Ladeira Dr. Mesquita e com entrada também pela rua Santos Dumont. Foi fundada em 1936, por Justino, Ermelindo e Moacyr, acompanhados mais tarde de Herval, o mais jovem da família Dias de Moraes. Originalmente consertavam guarda-chuvas, armas de fogo, motores a explosão e elétricos, máquinas agrícolas, aparelhos de rádio, geladeiras e outros. Com o passar dos anos, foram incrementando suas atividades, até chegarem ao grande empreendimento da construção de máquinas agrícolas, origem da firma Justino de Moraes Irmãos & Cia. Ltda., hoje JUMIL S.A.

Ouvimos o depoimento de José Mário Dias de Moraes, filho do Sr. Ermelindo, segundo o qual o seu pai, em outros tempos, havia construído um pequeno transmissor, que ele levava para as quermesses realizadas na pequena Igreja de Santo Antônio, que está localizada no alto do atual bairro do Riachuelo, e também na Fazenda Limeira, onde existia uma capela [até hoje existente] dedicada a Nossa Senhora Aparecida. O ex-prefeito de Batatais, Dr. Geraldo Marinheiro - que lhe passou a história - fazia a locução das quermesses e, graças ao pequeno transmissor, quem tivesse um aparelho de rádio nas vizinhanças, podia captar, em determinada frequência, os sons daquelas festas. Esse teria sido o embrião da futura Rádio Difusora.

Foi com um transmissor de 100 watts de potência, construído pelo Sr. Ermelindo, e demais equipamentos comprados no Rio de Janeiro, que a ZYN8 ganhou os ares, em sintonia de 1540 quilociclos. Pagando um aluguel de Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros), ocupou parte do prédio pertencente à Sociedade Recreativa Operária de Batatais, que já estava muito bem instalada

em sua sede própria, situada na rua Prudente de Moraes. A sala de som era envidraçada, dando para a rua, seguida do estúdio. Havia também um auditório com aproximadamente cinquenta cadeiras. (Atlas da Soc. Beneficente e Recr. Operária)

Os jornais da época, embora muito lacônicos, nos trazem informações sobre as programações desenvolvidas, que eram constituídas na maioria das vezes por apresentações de músicas dos mais variados estilos, utilizando discos de vinil, de 78 rpm, os chamados "bolachões". As irradiações iniciavam-se às nove horas, e às doze havia o encerramento das atividades, que se reabiam às 17,30 e iam até as 19,30 horas, tendo este horário sido dilatado à medida que foi se fazendo necessário.

A primeira transmissão fora dos estúdios foi feita diretamente do estádio da Mogiana, em Campinas, com a realização do jogo entre o Batatais Futebol Clube e a Associação Atlética Ponte Preta, na voz do locutor esportivo da Difusora, Dr. Clodoaldo João Luiz De Martin e comentários de Cássio Alberto Lima, sob o patrocínio da "Casa Bianco" (*O Jornal*, 7/12/1947).

Nesse mesmo periódico, em 21/12/1947, temos a notícia da "Irradiação da Santa Missa, diretamente da Capela Santa Cecília". Essas irradiações externas eram feitas via telefone.

Os locutores, antigamente chamados "speakers", desempenhavam um papel de destaque nas programações, pois eles é que faziam o contacto com os ouvintes, e do seu tom de voz, da sua forma de apresentar os programas, dependia a receptividade do público.

Inspirada no que se fazia em outras emissoras, em janeiro de 1948, a Difusora realizou um concurso em que cada participante votava no seu locutor preferido, sendo João Lopes de Oliveira brindado com o primeiro lugar, embora outros já viessem despontando, como Adamastor Pereira Reis, o Reis Filho, o já citado Clodoaldo De Martin, Carlos Noion Caldas e Roosevelt Hamam, filho do então gerente da Tecelagem Jafet e que foi depois para São Paulo trabalhar na Rádio Record, sob o pseudônimo de Jorge Magalhães.

#### **4. A Difusora muda de donos e de endereço - estabelecendo melhorias**

O noticiário "*O Jornal*" de 14/3/1950 noticia a nova diretoria da Rádio Difusora de Batatais, sendo Dr. Jorge Nazar, diretor-

presidente, secundado pelo Sr. Ézio Girardi, dona Zulmira Girardi Nazar e senhorita Catharina Nazar.

O Sr. Geraldo Raphael, que trabalhou na Difusora por vinte anos, a partir de 1953, informou-nos que o primeiro transmissor era de fraca potência.

"Esse aparelho não era automático, tinha que ser operado. Acabava a força, ele desligava e tinha que ser religado. Durante a noite alcançava no máximo Brodowski. Além disso, o som à noite rateava, porque havia muitos receptores ligados. A torre ficava na rua Coronel Joaquim Rosa, na frente da atual Escola Estadual Sílvio de Almeida.

Quando o Dr. Roberto Dalton Nazar assumiu a Rádio como diretor-presidente, ela ocupava o antigo prédio da Sociedade Italiana, à rua Coronel Joaquim Alves, desde 1953. Ele deu uma boa melhorada. Contratou um técnico de instalação e manutenção de Ribeirão Preto, chamado Sr. Roxo, que providenciou radiais com fio de cobre e mudou os cabos da linha da rádio, ligando-os diretamente ao transmissor na rua Coronel Joaquim Alves. Trocou a torre, cercou-a e colocou pára-raios.

Modernizou a mesa de som colocando uma mesa estereofônica, com pratos em 33 e 77 rpm. Comprou novos microfones e discos longplay. Dessa forma, a Rádio passou a apresentar um som mais limpo e a possibilidade de sintonia em uma distância maior. Foi comprado também um gravador de fita em alta fidelidade, que era utilizado na gravação do noticiário noturno das grandes emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro, para a produção de seu noticiário no jornal falado do dia seguinte e para gravações diversas.

Sobre esses melhoramentos, o Gilberto Degani também falou num artigo que escreveu em julho deste ano [2002] para *A Tribuna de Batatais*. Gilberto começou novinho na Rádio. Fazia o serviço que a dona Maria Rizzo fazia antes. Fazia técnica e locução também.

A rádio era muito fiscalizada. Uma vez por mês tínhamos que ficar abertos a noite toda para chamar o ZP2, que falava no Ministério das Comunicações, e dar todos os detalhes sobre a quantidade de som, para ver se não estávamos ultrapassando o permitido."

## 5. Os programas de auditório e o sistema de alto-falante

Não só locutor, mas apresentador e excelente cantor, João Lopes de Oliveira era também escriturário do Cartório Civil da localidade. Desempenhou um grande trabalho na emissora, à qual esteve ligado por muitos anos. Juntamente com Fausto e Maria de Lourdes Degani, formavam o "Trio Vocal Bandeirante", onde interpretavam músicas do "Trio de Ouro", formado por Dalva de Oliveira, Herivelto Martins e Nilo Chagas. O "Samba para Três" era também destaque nas suas apresentações.

TRIO VOCAL BANDEIRANTE



A partir da esquerda: João Lopes de Oliveira, Maria de Lourdes Degani e Fausto Bellini Degani  
Acervo José Mário Dias de Moraes

Para acompanhar os números vocais, havia um conjunto musical, embrião do que viria a ser a "Turma do Sereno". Era formado por: Rinaldo Pesenti, Benedito Pedrosa, Athos Bastos Garcia e Theodoro Olivieri ao violino. Ao violão, tínhamos: Fausto Bellini Degani, Otávio Boareto e Benedito Carvalho.

Altino Galerani no acordeon, Hércules Olivieri na flauta e Laurindo Simões no cavaquinho. Clóvis Zanetti tocava pandeiro.

Em *O Jornal* de 1º/2/1948, encontramos o anúncio para as noites de 17 e 18 de janeiro, de um "big show fantasia", com palco giratório. "O primeiro do interior do Estado, com apresentação dos artistas da emissora". Entre eles, estava Thomaz Raimundo, que cantava músicas de Carlos Galhardo e Orlando Silva.

Apresentavam-se também as jovens irmãs Mary e Tila, que tinham no seu repertório músicas italianas, como: "O' sole mio" e "Mama"; latino-americanas, como: "El Bandolero", "Maria Bonita" e "La Pregonera" e entre as nacionais, o seu grande sucesso era "Beijinho doce". A jovem sambista Ermelinda era apelidada "Bomba atômica", tal a graça com que apresentava suas músicas,

acompanhadas por desenvolta coreografia corporal...

Era comum alguns desses artistas cantarem em circos que se instalavam na atual Praça Anita Garibaldi, onde hoje se encontra o Parque Infantil Monteiro Lobato, ao lado da Escola de Comércio.

Possuindo poucos recursos, além dos indefectíveis palhaços e eventuais acrobatas, os espetáculos eram baseados em números de canto e apresentação de peças teatrais, para o que contavam com a "contratação" de artistas da própria localidade onde eles se instalavam. Sabemos que havia pessoas na cidade de Batatais que costumavam escrever peças de teatro que eram apresentadas depois nos circos mambembes da região.

O Trio-Vocal Bandeirante, Mary e Tila, os Seresteiros do Sertão e outros artistas eram convidados todos os anos para apresentar-se na Usina Junqueira, nos festejos do início da safra. Dona Sinhá Junqueira lhes oferecia um régio acolhimento, hospedando os grupos de cada cidade em uma casa. Num dia da semana oferecia um jantar isoladamente, para cada um deles, com ela à cabeceira da mesa.

Em 28 de novembro de 1948, foi noticiado em "O Jornal" a "agradável revelação de Luiz Carlos Covas, menino prodígio da ZYN8", hoje, diretor aposentado de uma das escolas da rede pública estadual, em Batatais. Nascido no ano de 1937, deu profícua contribuição ao rádio daquele período heróico, onde cantou dos onze até os dezessete anos, quando foi para São Paulo continuar seus estudos. Em depoimento, informa que:

"Como aos onze anos passei a aprender a tocar violão com Fausto Bellini Degani, fui cantar no programa de auditório existente, chamado 'Aquário do Peixinho', no domingo às 10 h. As casas comerciais mandavam brindes e eu ganhei muitos. A Camisaria Jardim me deu uma camisa muito bonita. Ganhei também uma lanterna de pilha, novidade na época.

A garotada ia cantar sem ensaio, não havia gongo e ganhavam brindes. O Júlio César Jardim cantava muito bem e gostava de cantar músicas de Vicente Celestino e um primo meu, Ditinho, também cantava, juntamente com uma dupla de meninas que estava lá todos os domingos.

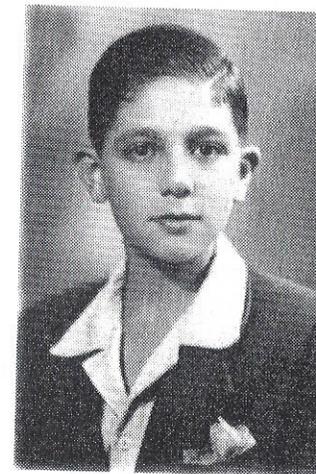
Posteriormente, foi criado um programa de calouros para adultos, no qual o gongo funcionava sem apelação. Eu cantava valsas, sambas, boleros, tangos e fox. Cantava muito a música 'Solidão', que seria uma versão de música mexicana ou argentina, que fazia muito sucesso na época. Havia também 'Era uma vez...', que os ouvintes sempre pediam. Além dessas, cantava sucessos de Carlos Galhardo, como 'Valsa de Casamento'; de Orlando Silva, 'Carinhoso'; de Sílvio Caldas, 'Velho Realejo'; 'Luzes da Ribalta' de Charles Chaplin, gravada por Jorge Goulart e Nelson Gonçalves. De Cascatinha e Inhana, 'Primeiro Amor'. Enfim, músicas populares de agrado público.

Aliás, quando eu era pequeno e estudava no prédio antigo do Grupo Escolar Dr. Washington Luís, as professoras, aos sábados, organizavam apresentações no alto da escadaria, com declamações e canto, e eu sempre cantava.

Como sou filho do também músico Nelson Covas, ele arranhou um programa fixo de auditório, só para mim, aos domingos, com patrocínio do Sr. Áureo Alfaiate, Casa São José do Sr. Nelson Trovo, Casa Scatena & Cia. Ltda e da Cia. Soberana de Capitalização. Era o Antonio Magrini quem controlava a parte comercial da Rádio. Roosevelt Haman fazia a apresentação e Fausto Degani fazia o acompanhamento ao violão. A parte técnica era feita por Darcy De Carlo.

Mais tarde, organizei com Covas Júnior, Claret de Mello e a locutora Norma Aleixo um programa para crianças denominado 'Hora do Gury'.

Na Piscina (Centro de Cultura Física), havia uma transmissão de jogos de futebol, porque o Estádio estava interdito para construção das arquibancadas. Havia um locutor folclórico. Era o Sr. Jeová Prescendo, pois falava muito devagar. Havia o América, o XV de Novembro, o time da própria Piscina, que disputavam o campeonato amador. Além desses, vinham para



Luiz Carlos Covas

cá os de outras cidades, como o de Jardinópolis, que era famoso. Ficava de plantão na emissora o Sr. Domingos Nazar, irmão do Dr. Jorge, dando notícias dos jogos que se realizavam no Estado.

O som era bom e tinha grande audiência. As rádios do Rio de Janeiro, Nacional e Mayrink Veiga, eram mais ouvidas do que as de São Paulo. A predileção era para o 'Repórter Esso' e a 'Voz do Brasil', que todo mundo ouvia. Novelas despertavam grande interesse. 'Direito de Nascer' foi acompanhada aqui, enquanto durou. Para os garotos, tinha programas em série. 'O Homem Pássaro', o 'Capitão Atlas'.

Havia muitos aparelhos de rádio quando eu era garoto. Papai distribuía aparelhos para uma Casa de Ribeirão e sempre trazia modelos novos para casa, para vender. Mas, nós mesmos não podíamos comprar. Tínhamos que nos contentar com os mais antigos. As pessoas tinham por obrigação ir ao Correio pagar uma anuidade, uma espécie de imposto anual para quem tinha rádio. Não era muito controlada, mas muitas pessoas pagavam espontaneamente.

Seria o ano de 1953. Ao lado do Foto Marianetti na Praça da Matriz, funcionou por algum tempo um sistema de alto-falante, instalado por Fausto Degani, com recursos fornecidos pelo Prefeito Mário Martins de Barros. Possuía duas caixas transmissoras instaladas no Bar do Romeu e que ficavam voltadas para a praça, e outras no Coreto. Todos os dias a Dalila Marianetti ou o João Lopes transmitiam o programa da Ave-Maria, com fundo musical. Eram transmitidas também notícias e músicas.

Nos sábados e domingos a Praça era muito concorrida. Moças e rapazes andavam no círculo no sentido horário uns, outros no anti-horário. A Banda tocava no centro. Naquela ocasião, antes do início, ou quando a Banda parava, o serviço de alto-falantes transmitia então músicas, atendendo 'a pedidos' e com oferecimentos de umas pessoas para outras."

## 6. O som da roça invade a cidade

Conversando com o Sr. Oswaldo Menari, componente da dupla sertaneja Oswaldo e José, ele nos contou ter nascido em Batatais em 1936 numa fazenda onde seu pai era colono e lá viveu até os vinte e dois anos. Segundo ele, a maioria dos

habitantes da fazenda era italiana, inclusive os seus quatro avós.

Foi criado cantando e tocando violão, que aprendeu com seu pai e com seu avô. As pessoas tinham muita facilidade para versejar e eram muito comuns os duetos, onde, combinando um assunto, era lançada uma frase pelo primeiro cantor, tendo o outro que responder, rimando.

"Quando uma pessoa ia numa fazenda visitar, ela cantava, contando a sua história, sempre em versos. Era praticamente um repentista. Contavam também um fato ocorrido, como o de meu pai, Antônio Menari, que durante a revolução de 1932 tocava viola e cantava:

Eu tenho meu burro sodoso,  
não devo nada a ninguém,  
um conto de réis não paga,  
o burro que eu quero bem.

Cheguei na beira do rio,  
eu chamei, não veio ninguém,  
se a barca vié eu passo,  
se não vim, eu passo também.

Se a barca vié, eu passo,  
se não vim, eu passo também.  
No lombo do meu sodoso,  
eu faço barca também.

Joguei o burro n'água,  
arriscando a minha vida,  
quando foi no meio do rio,  
dei a sorte por perdida.

Oiava na frente dele,  
parecia ser subida.  
Oiava na frente dele,  
parecia ser subida.

Quando cheguei no barranco,  
foi de fato muito custoso.  
Tinha uma morena bonita,  
dos olhos tão piedoso...

Eu te levo moreninha,  
na garupa do sodoso...  
Não se assuste moreninha,  
Sou um paulista revoltoso!"

Prosseguindo, relata-nos o senhor Oswaldo Menari:

"Era interessante ver como os próprios italianos se interessavam por aquele tipo de música. Meu avô gostava muito, tentava cantar, mas o seu sotaque, todo misturado, não fazia bom efeito..."

Nas fazendas, quase sempre tinha um carpinteiro. Muitos italianos, outros brasileiros, construíam ou ajudavam a construir as violas de pinho, que era lavrado. As cordas eram compradas em carretéis como as linhas de costurar. Havia dois tipos de cordas. A amarela e as brancas. A amarela dava um som grosso. Havia as mais finas e as mais grossas. Colocava dez cordas intercaladas entre amarelas e brancas. Afinava uma num tom e a outra noutro tom, o que dava um som muito bonito...

Os pandeiros eram os instrumentos que eram mais confeccionados. Faziam uma tala de pau, curvavam em forma de círculo e usavam couro de gato que dava o melhor som. Depois faziam com latinhas os batedorzinhos (orelhinhas). Na cidade havia pessoas que fabricavam instrumentos artesanalmente e vendiam."

Por ocasião da fundação da Rádio Difusora, o Sr. Oswaldo começou a cantar num programa caipira que havia lá, aos domingos. O carro-chefe desse programa era o trio "Seresteiros do Sertão", composto por Fausto Bellini Degani (Peixão), José Luiz Barreto (Peixinho) e Munari Filho (acordeon).

Depois, esse programa dedicado à música sertaneja veio a ocupar quase toda a manhã de domingo. Lembra-se de ter ouvido

muitas vezes esta música:

### OI ALIGA O RÁDIO PAPAI (Enrolado)

Pedro Tonetti

Oi aliga o rádio papai,  
Oi aliga o rádio papai,  
Oi aliga o rádio na estação de Batatais.                      Estribilho  
Fica quietinho, Zezé, não faz barulho, Zazá,  
Que o Seresteiro do Sertão já vai cantar.

Gosto muito do Peixinho e do jeitinho que ele tem,  
Quando risca a viola, ela faz de-lem-dem-dem.  
É muito alegre e também sabe conversá  
Quando conta uma piada faz o povo gargalhá.

#### Estribilho

Como bom compositor também gosto do Peixão,  
Ele encanta a platéia, tocando seu violão.  
É muito hábil pra fazer composição,  
Vamos todos dar um viva ao Seresteiro do Sertão.

#### Estribilho

Foi cantando esta música que, nos idos de 1948, Antônio e Pedro Elídio Tonetti apresentaram-se na Rádio Difusora, usando o nome artístico de "Palito e Toquinho". Originários da zona rural, vinham para a cidade acompanhados de seu pai Pedro Tonetti. Este, trabalhador da roça, como meeiro, estava acostumado no ambiente rural a participar de festas, das chamadas "brincadeiras", para as quais se convidava a vizinhança para "rezar o terço", após o qual havia o arrasta-pé. Para os bailes, nos finais de semana, eram convidadas também pessoas de outras fazendas. Armava-se uma barraca com bambus, que era coberta com os panos de apanhar café. Conjuntos musicais, constituídos de sanfona e violão, animavam esses bailes, além do que, tocavam todos os dias à noite. Eis o que nos disse o senhor Antônio Tonetti:

"Com a inauguração da Rádio Difusora, papai teve interesse de nos enviar para cantar. Formamos a dupla Palito (que era meu irmão José Elídio) e Toquinho (eu, Antônio Tonetti).

Estávamos acostumados a ouvir no rádio músicas de Tonico e Tinoco, Torres e Florêncio, Serrinha e Caboclinho, Palmeira e Luisinho. Meu pai tinha um repertório próprio, escrevia músicas e letras que nós cantávamos.

Os programas sertanejos eram geralmente apresentados nos domingos de manhã, quando nós vínhamos da roça para a cidade. A gente tinha passe livre na 'jardineira' da empresa do Sr. Ernesto Bologna, que fazia a linha Batatais-Morro Agudo, passando por Nuporanga, Sales Oliveira e Orlândia. Quando nós nos mudamos para a cidade, passamos a cantar também nas quintas-feiras à noite. Tínhamos o patrocínio do Café Gaeta e da Farmácia Dom Bosco.

Depois de algum tempo, papai passou a apresentar o programa sertanejo dos domingos, chamado 'Rancho do Tocão', o que fez por mais de vinte anos, onde eram apresentadas, ao vivo, duplas ou trios de violeiros da cidade e da região.

Pertencia também a um conjunto chamado 'Trio Brasil', que veio a ganhar, em 1958, o título de 'Campeão Local', num concurso coordenado pelo 'Capitão Furtado', da Rádio Difusora de São Paulo.

Sáimos muito pelo interior, tocando e fazendo campanha política. Na cidade, papai tornou-se jardineiro da Prefeitura Municipal, mas atendia também casas particulares. Era muito estimado, tanto que lhe foi dado pela Câmara Municipal de Batatais o título de 'Cidadão Emérito'. Ele faleceu em 4 de janeiro de 1997."

Segundo o professor Carlos Zamboni, em *A Tribuna de Batatais* de 27/8/1986, "Tocão é um excelente poeta. Um poeta



popular de primeira linha, compondo dentro da mais estrita tradição poética popular da língua portuguesa."

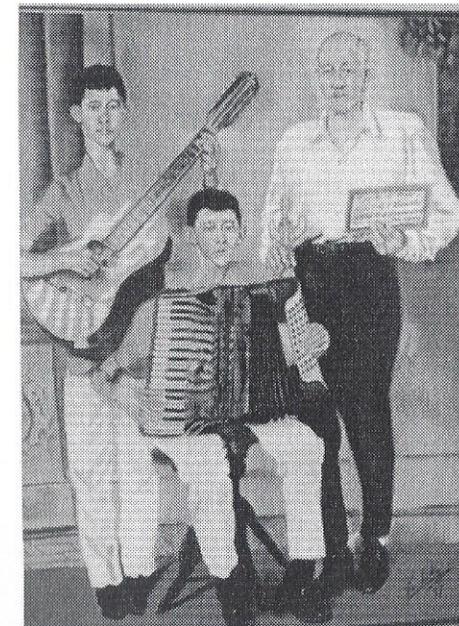
Pelos depoimentos acima, podemos concluir que nessa época podia-se ouvir na Rádio Difusora de Batatais a música raiz, a verdadeira música do nosso caipira, ou seja, de todo aquele homem ligado à terra e que expressa a sua cultura original.

Conforme o locutor Rogério Victor Rizzo, havia também todos os dias um programa sertanejo com discos, abrindo a emissora. Participavam, movimentando muito o programa com suas brincadeiras, entre eles e com os ouvintes, os dois Clarets: o Dal Picolo, que era Nhô Carretão, e o Claret de Mello, que era Nhô Foguetão. A técnica Maria Rizzo era a Nhá Maria. Os ouvintes telefonavam pedindo músicas. Quando o João Lopes foi para São Paulo, deixou o lugar de irradiador de futebol para o Claret Dal Picolo. Braga Rezende era o comentarista.

Humberto Bianco, o 'Juca Pindoba', também fazia um programa sertanejo de manhã, do qual nosso depoente participou por algum tempo.

## 6. Tendências culturais

A foto apresentada páginas adiante é bem demonstrativa da estreita ligação que houve entre o grupo teatral da Sociedade Operária, chamado nos anos 30 e 40 de "Boas Acções", conforme amplamente tratado em AMICUS nº 5, e o "cast" da Rádio



"Tocão" premiando Alfredinho e Marinho  
Óleo sobre tela de Yolanda  
Toshiko Heto Tonetti

Difusora. (Cardoso, 2002)

Em 18 de janeiro de 1953, o semanário *O Jornal* passou a ser de propriedade da Rádio Difusora de Batatais, tendo como diretor responsável Roberto Dalton Nazar, que procurou daí por diante dar divulgação às atividades ali realizadas, tendo criado em maio daquele ano a seção "Broadcasting", redigida por Manoel Carneiro, transformada pouco depois em "Radiofonia", assinada por Risso Ludi.

No dia 13 de dezembro de 1953, tivemos uma sessão literária no auditório da Rádio, com o lançamento do Livro "Cicatrices", da poetisa batataense Arminda Pereira Lavagnolli, tendo havido uma parte musical com números de acordeon por Rosemary Bianco, Marlene e Antonieta Nori.

Também o Centro Cultural Brasil Estados Unidos, coordenado pelo professor de inglês do então Colégio Estadual Sílvio de Almeida, José Firmino de Melo, o Mr. Melo, primava por fazer festivais e comemorações, como as do Dia Pan-Americano, do Dia das Mães, comemorações do quarto centenário de São Paulo, sempre ajudado pelo corpo artístico da Operária e tinha na Difusora uma fiel divulgadora desses eventos, mesmo porque esses programas se faziam no seu auditório.

Com patrocínio do Banco Arthur Scatena S.A, e com grande audiência, o programa "Tangos e Poesias", romântico e sentimental, redigido e apresentado por João Leandro Cinalli - que "tem uma lágrima na voz" - tinha como prefixo musical o tango "Jurame", de Augustín Lara, que por si só exprimia o clima romântico que envolvia o programa, à medida que diz:

"Jurame/ aunque pase mucho tiempo/ pensarás en el momento/ en que yo te conocí...". Esteve no ar por bastante tempo, tendo inicialmente a apresentação da locutora Albertina Pimenta e realizado uma vez por semana no auditório, promovia vários



Locutora Albertina Pimenta

concursos entre seus ouvintes, como: as mais belas cartas de amor e o de quadrinhas, tendo este último comissão julgadora composta por elementos de reconhecida formação intelectual na cidade.

No final dos anos 50, às quintas-feiras, a Rádio Difusora concedia uma hora para que os estudantes nela apresentassem programas por eles organizados. Dada a forma descompromissada e o espírito de iniciativa tão próprios dos jovens, não deveria ser muito difícil organizarem-se conjuntos musicais. Dentre estes, houve aquele relatado por Pedro Lázaro Teixeira, em uma de suas crônicas (2002, p. 11): Corria o ano de 1957 e o roqueiro Bill Halley convertia os normalistas do Colégio Estadual e Escola Normal Sílvio de Almeida em fãs incondicionais daquele gênero musical.

Então, Pedro, apenas com o acompanhamento do estalar dos dedos seus e os de seus amigos, interpretou "Rock around the clock". Graças ao estímulo de Fausto Bellini Degani (sempre ele!), organizador de um festival que se realizou no sábado de aleluia, na ABR Operária, Pedro aí apresentou-se, ao lado das intérpretes Norma Aleixo e Shirley Krempel. Mais um outro festival transcrito, e o final de sua carreira como cantor veio junto...

Tempos houve em que a ZYN8 apresentava às sextas-feiras, das 21 às 22 horas, o programa Difusão Cultural. Dirigido por Sami Tebechrani e Pedro Sadi Filho, cabiam a este os encargos de relações públicas e convites aos indicados para a participação do programa, além das preliminares da montagem semanal. A montagem final cabia a Sami, e a apresentação era feita pelos dois. Segundo o depoimento de Sami:

"O programa tinha várias seções e, se não me engano, os títulos, que expressam o conteúdo, eram os seguintes: 'A Entrevista da Semana', feita com algum professor, com pessoa de destaque na cidade ou com um visitante ilustre, sobre assunto da especialidade de cada um; 'A Entrevista com o Estudante', obviamente feita com estudante sobre assuntos diversos; 'Radiofoniação de um Conto' (como o nome diz, de autor conhecido, e com 'atores' improvisados); 'Música' (apresentação de um cantor, de um solista, de um conjunto ou de uma mistura deles; mais uma vez a improvisação: na falta de um artista para a semana, um grupo de amigos fez batucada com caixas de fósforos); 'Notícias', com cunho cultural ou político. O prefixo do programa

era a música 'London Fantasy' (da qual, infelizmente, não me lembro o autor) e , sob o seu fundo, o Pedro fazia a abertura com os versos do Carlos Drummond :

'Mundo, mundo, vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo, mundo, vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.'

O encerramento ficava por minha conta, com os versos (lamento, esqueci o autor): 'Olha a vida longamente, enternecidamente, como quem a quer adivinhar. Olha a vida, rindo ou chorando, frente a frente, deixa depois o coração falar...''

O programa Difusão Cultural enfrentava muitas dificuldades, pois os recursos e disponibilidades na cidade eram poucos. Às vezes perdíamos o fôlego e, para não deixar espaços 'em branco', improvisávamos, e o resultado nem sempre era dos melhores, mas valeu..."

#### INTEGRAÇÃO SOCIEDADE OPERÁRIA - RADIO DIFUSORA



Da esq. p/dir. Sentados: Zilda Lavagnini, Romilda Lavagnini, não identif., Fiovo Tambellini, Armando Venturoso, João Lopes de Oliveira, não identif., Yolanda Carvalho, Belém Perez de Carvalho.

Em pé: Hilda Lavagnini, José Luiz Barreto (Peixinho), Fausto Belini Degani, não identif., não identif., não identif., Laurindo Simões, Armando Triffoni, Benedito de Carvalho.

Acervo Senhora Maria de Lourdes Venturoso

#### 8. Peripécias de um jovem locutor

O fascínio exercido pelo rádio, naqueles tempos de incipientes recursos técnicos, pode ser avaliado por depoimento de Rogério Victor Rizzo:

"A minha vida se confunde com a vida da Difusora, isto porque comecei a freqüentar a Difusora bem pequeno, quando ela estava ainda no prédio da Operária. Acompanhava minha irmã, Maria Rizzo, que era sonoplasta (técnica de som) da Rádio.

Enquanto ela trabalhava, eu ficava ao seu lado, sentadinho numa cadeira. Isso foi o impulso para a carreira de locutor que eu abraçaria mais tarde. Em casa, armava uma mesa de locução, com dois caixotinhos de madeira que peguei na mercearia onde mamãe fazia as compras. Uma lata de molho de tomate furada, acoplada a um barbante, fazia de microfone. Os livros de leitura da escola eram minhas leituras habituais. Eu ia lendo, dando a entonação que ouvia os locutores darem aos seus textos. Desta forma, tornei-me hábil na leitura e desenvolvi a dicção, o que muito me ajudou mais tarde.



Maria Rizzo na sonoplastia, recebendo estudantes

À medida que ia crescendo, continuei naquele ambiente, por muitos anos, carregando fios e microfones de lá para cá. Somente quando o Molina comprou a Rádio, em dezembro de 1960, me tornei seu funcionário, juntamente com o Adauto Covas Jr., que entrou comigo, com poucos dias de diferença. Ele aposentou-se ultimamente na Rádio Record em São Paulo. Eu trabalhava à tarde e à noite, pois estava fazendo o tiro de guerra. Lia os anúncios, falava a hora certa e apresentava as músicas.

Uma coisa que me marcou profundamente... Isso nunca me saiu da cabeça... Certa vez o Ronaldo Sérgio fazia um programa de auditório chamado 'Alegria da Cidade'. Um dia resolveu parar e me chamar para assumir o programa. Eu pensei...vou pegar. Chamei o Gilberto Degani, que era técnico de som, e fomos fazer o programa. Pensamos em lançar alguma coisa nova, diferente. E o que nós fizemos? Inventamos de imitar a orquestra de Glenn Miller. Pegamos uns instrumentos emprestados e

começamos a ensaiar, na rua, para as pessoas pensarem que estávamos criando uma orquestra.

Era tudo brincadeira, mas conseguimos enganar até alguns companheiros da Rádio, que pensavam que a gente entendia de música. Na época o Magalhães apresentava o 'Show da Tarde'. Ele me chamou para fazer uma entrevista sobre a orquestra...Para aproveitar o embalo, chamamos os professores Armando Barbirato e André Ricci



Locutor Rogério Victor Rizzo

Pippa para falarem sobre música...Nessa época o diretor da rádio era o Roberto Dalton Nazar, filho do Dr. Jorge, que era o dono. A gente armou tudo, subimos no palco, fizemos aquela festa...Só que a gente não ia tocar nada, a gente ia fazer uma dublagem, bem disfarçada, pra ninguém perceber.

Hoje pode parecer fácil, mas na época, os discos chiavam, eram 78 rotações, uma dificuldade. Mesmo assim, fomos em frente e começamos a tocar. Quando eu olho, tinha uma cabecinha subindo, lá em cima...Era o Roberto Dalton Nazar. Ele estava em casa e foi lá na Rádio ver o que estava acontecendo. Ele simplesmente subiu na técnica e tirou o disco. Acabou a orquestra [risos]...Todo mundo descobriu a coisa.

Hoje todo mundo faz isso. O programa cobrava entrada. A gente pegou o dinheiro e fomos lá na praça, no bar do Romeu, e gastamos tudo em salgadinhos e refrigerantes.

A cidade inteira ficou sabendo, mas acabaram achando engraçado e acabou tudo em brincadeira."

## 8. Tempos heróicos

A ZYN-8 funcionou inicialmente no prédio da Sociedade Operária, passou em 1953 para as dependências da antiga Sociedade Italiana, na rua Coronel Joaquim Alves, e, em fins de 1959, foi transferida para o Cine São Joaquim. Teve programas de auditório, abrilhantados pelas "pratas da casa", que interpretavam as canções de maior sucesso daqueles tempos.

Teve também seus programas infantis, programa de calouros, de música sertaneja, de transmissão de jogos de futebol, programas culturais, tudo objetivando conquistar o ouvinte, o que certamente conseguiu, dado o "engenho e a arte" de seus programadores.

Foram tempos heróicos, marcados pelo fascínio exercido pelo rádio sobre aqueles pioneiros que, embora às vezes inexperientes ou pouco profissionalizados, conseguiram, com muita dedicação e entusiasmo, fazer de nossas estações de rádio uma sólida realidade.

## COMEMORAÇÃO DO DÉCIMO ANIVERSÁRIO DA DIFUSORA



Da esq. p/dir. Sentados: Geraldo Raphael, João Fernandes Molina, Armando Venturoso, Fausto Bellini Degani.

Em pé: Gilberto Degani, Ronaldo S. Tavares, Luiz Roberto Dalpicolo, Sami Tebechrani, José Claret de Melo, Ary Braga Rezende, Antônio Claret Dalpicolo, Pedro Sadi Filho.

Acervo Sami Tebechrani

CARDOSO. Clotilde de Santa Clara. The heroic time of Radio Difusora de Batatais (1947-1960). *AMICUS*. Batatais-SP, nº 6, p.119-142

**ABSTRACT:** The heroic time refers to the period that began with the foundation of ZYN8 Sociedade Difusora de Batatais in 1947, ending by the end of 1960, when the Station was bought by José Molina, who still owns it. The low input technology involving the radio transmissions, as well the programmes produced by the station are approached in short.

**KEYWORDS:** sound waves, radio, programmes, newscasters, singers.

#### **REFERÊNCIAS:**

a) Documentos:

Contrato Social-Rádio Difusora. Junta Coml. do Estado de São Paulo. Atas da Sociedade Beneficente e Recreativa Operária

b) Jornais. Diversos números de:

*Folha de Batataes*

*Gazeta de Batataes (A)*

*Jornal (O)*

*Tribuna de Batatais (A)*

*Nosso Século*, Abril Cultural, nºs 16 e 17, sem data.

c) Artigos e Livros:

CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina. *AMICUS*, Batatais-SP ano III, nº 5, 2002.

PEREIRA, José Carlos. *Memórias de uma filha de imigrantes portuguesas*. Gráfica e Editora Villimpress, Ribeirão Preto-SP, 1999.

SERRAZES, Karina Elizabeth. Batatais na Revolução Constitucionalista de 1932. *AMICUS*. Batatais-SP, Ano I, Nº 2, maio /2000.

TAVARES, Reynaldo C., *Histórias que o rádio não contou*. Negócio Editora Ltda., São Paulo, s.d.

TEIXEIRA, Pedro Lázaro. Do Rock à Ópera, *O Jornal*. Batatais-SP, 14 de setembro 2002.

## **DA SANTA CRUZ DOS ENFORCADOS À IGREJA ATUAL**

Pedro Lázaro TEIXEIRA\*

**RESUMO:** Conhecem-se antigas referências à capela existente no local onde condenados eram enforcados. Aí, graças ao empenho de devotos, iniciou-se, em 1921, a construção da Igreja de Santa Cruz. Paralisadas, as obras foram retomadas e, em 1932, o novo templo foi inaugurado. Posteriormente, o mesmo foi reformado e ampliado.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Tradição, construção, solenidades e festas.

### **1. Antecedentes**

Conta-se que, nos tempos do Império, um negro matou seu patrão e foi condenado à morte, sendo enforcado no local onde se ergue hoje a Igreja de Santa Cruz. Anciãos, em 1925, contavam que, quando crianças, ouviram tal história e ainda guardavam no íntimo as palavras que tanto os aterrorizavam. No entanto, nunca foi possível a descoberta do nome da vítima, do criminoso e o lugar do crime.

Além desse fato, conta a tradição que outros condenados foram enforcados no local, sendo essa a razão de a capela primitiva ser chamada de "Santa Cruz dos Enforcados". Mais tarde, um popular de nome Leonel, que era aleijado, angariou fundos para substituir a cruz por um cruzeiro de maiores proporções, ao redor do qual colocou-se uma grade de madeira.

Quem mandou construir a primeira capela de tábuas foi Hilário Alves Pereira, em 1868, assim como um coreto para a banda de música, para os dias de festa em homenagem à Santa Cruz (*Livro do Tombo nº4*, documentos diversos e págs. 82 verso 85).

### **2. Comissões executivas**

A primeira comissão constituída para a construção da Igreja de Santa Cruz foi a seguinte: Rômulo Venturoso, Adolpho José de Faria, Pedro Bianco e Adelino A. de Carvalho. As primeiras propostas para a construção foram apresentadas por Domingos Moschiar, Manoel Maria, Rômulo Rigoto e Attilio Valentini, em 14 de agosto de 1921. A proposta vencedora foi a de Domingos Moschiar. As obras foram iniciadas em 21 de agosto de 1921, mas, talvez por falta de numerário, ficaram paralisadas por mais de oito anos. Quem mais lamentava tal

\*Redator do jornal *O Cuscuzeiro* de Santo Antônio da Alegria e articulista de *O Jornal* de Batatais.

situação era Pedro José da Silva, vulgo Pedro Rosário, que procurava incentivar pessoas para levar avante a sonhada construção.

A vinda de missionários Filhos do Coração de Maria, em 18 de dezembro de 1925 - quando o Colégio Diocesano São José foi transformado em ginásio -, aumentou consideravelmente a população do bairro do Castelo, ou Santa Cruz, e os moradores demonstraram, novamente, desejo de ter uma igreja no bairro, idéia que foi acolhida com muito interesse pelo vigário paroquial, Monsenhor Dr. Joaquim Alves Ferreira, e pelo bispo diocesano D. Alberto José Gonçalves.

E assim, mais uma vez, foi formada uma nova comissão executora, no dia 22 de maio de 1939, no Teatro São Carlos, assim constituída:

Presidente: Francisco Augusto Nunes (diretor proprietário de *A Gazeta de Batatais*)

Vice-presidente - Professor José Marques

1º Secretário - Antônio Alves

2º Secretário - Luiz Pires da Cruz

1º Tesoureiro - Zeferino Girardi

2º Tesoureiro - Capitão Alcebíades Borges

Comissão de Sindicância:

Alexandre Caran, Ernesto Pupin, Pedro José da Silva e João Quirino do Prado.

Presidentes Honorários:

Monsenhor Dr. Joaquim Alves Ferreira e o Coronel Manoel Victor Nogueira.

O novo construtor escolhido foi Antônio Lapria, que reiniciou logo as obras da igreja.

Para trabalho de tanta envergadura, novos nomes foram acrescentados à comissão:

Capitão José Victor de Oliveira, Joaquim Eduardo da Silva, André Piovan, Pedro Bianco, João Orsolini, João Zanela, Aureliano Alves da Costa, Donato Venturoso, Felipe Caran, Atílio Beneditini, Belmiro Paula Arantes, Humberto Ferrari, José Testa, José Jorge Yunes Abeid, Ernesto Pupin, Marcelo Girardi, Manoel Pereira Pimenta, Mauro Bonvini, Washington Arantes Macedo, Dante Vicentini e Luiz Simioni.

#### COMISSÃO FEMININA

Uma comissão feminina foi organizada também, no esforço da construção do templo:

Maria Alves (Gabé) e Carmela Bianco - presidentes

Maria Piovan e Eduarda Cândida - secretárias  
Luzia Faraco, Augusta de Figueiredo Borges, Maria Aurora do Prado, Francisca Sales de Melo, Cândida Rodrigues de Abreu, Primazia Pereira, Maria Medeiros, Zulmira Girardi Nazar, Júlia Abeid Tame, Eliza Venturoso (Lina), Júlia Tavares, Sebastiana Nogueira de Oliveira, Adorama Macedo Aves, Ercília de Palma Barros, Maria Rita Léllis, Maria Carolina de Paula, Noêmia Scavazza, Iracema Mascagni de Souza, Arlinda Ceribelli, Maria José Rodrigues, Maria de Assis Correa, Maria de Figueiredo, Honória de Paula Marques Correa, Mariana Carvalho Diniz, Gabriela de Almeida Toledo, Celestina Baldochi, Maria Eduarda da Silva, Ana Aurora do Prado, Amália Caran, Fernanda Coraucci Testa, Odila Menezes Abeid, Hermínia Martins Ferrari, Altiva Léllis, Felomena Simioni e Ema Girardi.

### 3. Término, bênção e inauguração

Em 1931, quando estavam construídas as paredes e colocado o telhado, faltando apenas o revestimento, o Major Antônio Cândido Alves Pereira mandou terminar a construção às suas expensas. Depois desse gesto, vieram outras doações: D. Eufrásia Francisca de Jesus ofertou o altar em finíssimo mármore de Carrara, e o Dr. José Garcia de Barros, a grade da sagrada comunhão, também em mármore.

A bênção da igreja foi realizada pelo bispo diocesano D. Alberto José Gonçalves, na noite de 7 de maio de 1932, um sábado. Foram padrinhos da igreja: o Capitão José Ordine, prefeito municipal, José Procópio Meirelles, Capitão José Alves Pedrosa, Coronel Manoel Victor Nogueira, Coronel Manoel Gustavino de Andrade Junqueira, José Pedrosa Machado e Antônio Martins de Oliveira. As madrinhas foram: Ercília de Palma Barros, Maria Augusta Machado Tambellini, Professora Zenaide Arantes, Filomena Garcia Barbosa, Mariana de Carvalho Diniz e Maria das Dores Alves Freiria.



Igreja de Santa Cruz - 1932

A inauguração, ocorrida em 8 de maio de 1932, foi abrilhantada por duas bandas: Euterpe, regida pelo maestro Protázio Thomaz de Carvalho, e a Santa Cecília, pelo maestro Alcebíades Sousa. Nesse ato, estiveram presentes: D. Alberto José Gonçalves, Monsenhor Dr. Joaquim Alves Ferreira, padres Messias de Mello Tavares e João Echeverria, membros das comissões masculina e feminina, festeiros, autoridades desta e das demais cidades vizinhas, associações religiosas, colégios, representantes da imprensa e elementos representativos de todas as nossas classes sociais, incluindo padrinhos e madrinhas do altar e da igreja, estando a mesma repleta de fiéis.

#### 4. Solenidades

Quem entregou a chave ao Sr. Bispo foi a Srta. Creuza de Figueiredo, que se apresentou a D. Alberto, ladeada por um grupo de senhoras e senhoritas. D. Alberto passou a chave a Monsenhor Joaquim Alves e este ao reitor do Colégio São José, recentemente nomeado, João de Echeverria.

Às cinco horas da tarde, a procissão solene percorreu o seguinte percurso: ruas Duque de Caxias, Aurora, Praça João de Andrade (contorno), rua Marechal Deodoro, avenida Rebouças, rua do Jardim e Duque de Caxias.

Os andores consagrados aos seguintes santos foram ornamentados pelas seguintes pessoas:

Santa Cruz – D. Maria do Prado Batista e Maria Aurora do Prado e Souza.

São Sebastião – Família de Alexandre Caran.

Nossa Senhora da Aparecida – D. Maria Alves Gabé.

Santa Terezinha – Srta. Aurora Baldochi.

Após o encerramento dos festejos, houve a exibição de fogos de artifícios, confeccionados pelo Sr. Scarabucci, hábil pirotécnico de Franca, conseguindo este obter os mais entusiastas aplausos da multidão.

A quermesse, bastante animada e organizada pelos festeiros, tinha os nomes sugestivos de Fé, Esperança, Caridade, Santa Cruz e 13 de Maio.

Segundo depoimento do Dr. José Marcílio Baldochi (Cardoso, 2000, p.31), nas festas de Santa Cruz, a Banda Santa Cecília, então sob a regência do maestro Alfeu Ribeiro, colocava-se junto à barraca

de leilão e quando alguma pessoa arrematava uma prenda de valor, a banda tocava em sua homenagem.

No dia 3 de maio – ainda segundo o depoente – às quatro horas da manhã, a banda tocava “alvorada”. Depois, passava o dia inteiro tocando pelas ruas do Castelo e, mais ou menos às oito horas da noite, iam todos à casa dos novos festeiros, onde pegavam os andores por eles enfeitados. Em seguida, rumavam todos em procissão, à igreja de Santa Cruz.

#### 5. Primeiros festeiros e primeiras aquisições

1932 – Alexandre Caran, Humberto Ferrari, Joaquim Marques de Melo, Atílio Benedini e Sras. Maria do Prado Batista, Floripes de Andrade Junqueira, Aurora Baldochi e Marina de Figueiredo.

1933- Manoel José de Medeiros e Jorge Yunes Abeid e as Srtas. Maria José Rodrigues e Rita Martins do Carmo.

1934- Augusto Rodrigues Leandro e D. Zaíra Girardi Benedini.

1935- Felipe Caran, Belmiro de Paula Arantes, D. Zulmira Girardi Nazar e D. Nina Venturoso.

1936- Antônio Abreu, D. Norma Sarno e D. Maria Luíza Garcia.

1937- Rômulo Venturoso e José Martins de Barros.

1938- Não há relação de festeiro.

1939- José Testa, Atílio Benedini e Ernesto Pupin.

1940- José Jorge Yunes Abeid e D. Zoraide Z. Batista.

1941- Joaquim Eduardo da Silva, Afonso Raimundo, D. Ada Girardi Marques e D. Santa Fé Morato Testa.

1942- Heretiano Pereira da Costa (chefe da Estação da Cia. Mogiana), Adolfo Rigotto, D. Maria Piovan e D. Zuleique Marques Fiori.

As primeiras aquisições foram:

1937 – Um tapete verde para o altar-mor e três poltronas para as missas cantadas.

1938 – Instalou-se um microfone junto ao púlpito e possante alto-falante na praça.

1939 – O relógio da torre, por cinco mil réis. Duas dalmáticas (paramentos que diáconos e subdiáconos vestem sobre a alva) vermelhas de seda para a missa cantada. O pálio de seis varas para a procissão. Os dois últimos custaram 1:120\$000.

1941- Um harmonium pelo preço de 7:500\$000. Um par de candelabros por 900\$00.

1942 – Os festeiros deste ano mandaram colocar na entrada

um artístico guarda-respeito (reposteiro ou anteparo de madeira colocado dentro das igrejas, junto à porta principal, para resguardar do vento e da vista de transeuntes).

#### **6. Criação da Paróquia**

A Paróquia do Imaculado Coração de Maria foi criada no dia 15 de junho de 1967, e o primeiro pároco foi Artidório Aniceto de Lima, que tomou posse em 10 de março de 1968.

Os outros párocos foram:

Lauro Franco – 1970  
Antônio de Paula Souza – 1974  
Antonio Cañivano – 1976  
Elias Leite – 1982  
Américo Romito – 1987  
Vicente Fernández – 1988  
Antônio de Paula Souza – 1990  
Elias Leite - 1993

#### **7. Padre Ciro, o catequista**

A Igreja de Santa Cruz foi sempre administrada pelos padres do Colégio São José, funcionando como paróquia regular, com todas as cerimônias religiosas.

As quermesses realizadas por ocasião do dia de Santa Cruz (3 de maio) eram famosas e permanecem até hoje na memória dos batataenses, que contam muitas passagens com muita saudade.

Quando do fechamento do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, o Padre Ciro Laurrari, seu capelão, ausentou-se de Batatais, para onde viera na juventude. Foi para Santos, de onde retornou – a pedido da população – três anos depois, em 1962.

Dessa época em diante, dedicou todo seu empenho à Igreja de Santa Cruz, celebrando missas, casamentos e promovendo a catequese das crianças. Estas e Santo Antonio Maria Claret eram as maiores devoções desse padre maravilhoso, lembra Neida Cury Ferreira Pinto, sua ajudante durante 25 anos.

A retirada da catequese da Igreja Santa Cruz foi um fato que magoou profundamente o Padre Ciro, que, mesmo assim, continuou a celebrar missas e oferecer sua ajuda espiritual a todos que o procuravam, até sua morte em 23 de outubro de 1983.

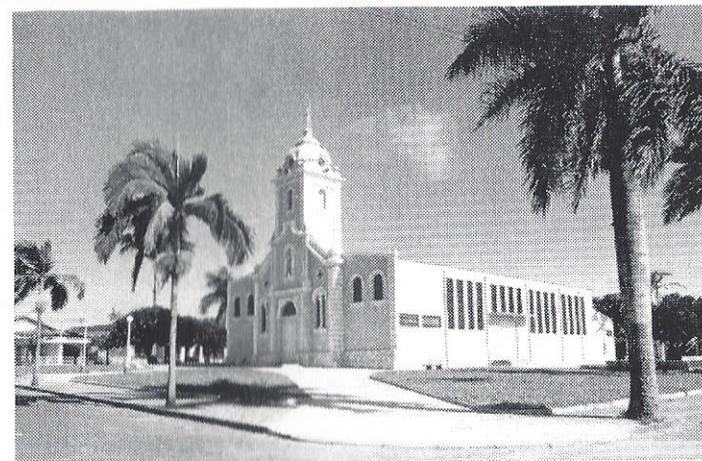
#### **8. Reforma, ampliação e nova inauguração**

Com o abandono da Igreja de Santa Cruz, a paróquia do Imaculado Coração de Maria funcionou na capela do Colégio São José.

Numa visita pastoral, o arcebispo D. Romeu Alberti manifestou o desejo de que as cerimônias religiosas fossem novamente celebradas na Igreja de Santa Cruz. E propôs que se fizesse, pela comunidade, uma reforma e ampliação para que a igreja não fosse demolida e nem perdesse seu traçado original.

Nomeou o Padre Argemiro de Azevedo, titular da paróquia do Imaculado Coração de Maria, o responsável pela futura administração das obras. Um abaixo-assinado foi levado à população, para que todos tomassem conhecimento e aderissem à reforma e ampliação, tomando-se, assim, a precaução de evitar futuramente ações contra tais medidas.

O engenheiro Luiz Antônio Malachias Marques, solicitado, fez graciosamente uma planta com as alterações pretendidas. Tal planta, levada ao arcebispo D. Romeu Alberti, depois de algumas sugestões, foi aprovada.



Igreja de Santa Cruz na atualidade  
Acervo Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís-Batatais

Uma comissão executora foi eleita e ficou assim constituída:

Presidente: Dr. Oswaldo Marinheiro

Vice-Presidente – Ary Ricci

Secretário – Guido Antônio Ferreira

Tesoureiro – João Estanislau de Freitas Camargo

Conselheiro – José Fábio de Oliveira

Administrador paroquial – Padre Argemiro de Azevedo

A inauguração foi realizada no dia 23 de dezembro de 1990, às 10h, com missa (dedicação à igreja) celebrada pelo Arcebispo Diocesano de Ribeirão Preto, Dom Arnaldo Ribeiro.

O pároco atual é o Padre Fernando Garavaglia, que tomou posse em 10 de fevereiro de 1994.

TEIXEIRA. Pedro Lázaro. From Santa Cruz dos Enforcados to the present church. *AMICUS*, Batatais-SP, nº 6, p. 143-150

ABSTRACT: There are old references related to the old chapel located in the place where people used to be hanged in the old times. Thanks to the devotes, it was started in 1921 the construction of the Church of Santa Cruz in that local. The works were paralysed and restarted. In 1932 the new church was inaugurated. Later, the same church was repaired and enlarged.

KEYWORDS: tradition, construction, opening, festivals.

#### FONTES:

CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina "A música em Batatais nos velhos tempos-As bandas de música", *AMICUS*, Batatais, SP, Julho de 2000, Ano I, Nº 1, p. 21 a 40.

*Paróquia de Batatais. Livro Tombo nº 4 (1903-2002).*

Depoimentos de Padre Elias Leite e do Dr. Oswaldo Marinheiro.

## FILATELIA

### O SIGNIFICADO DO LANÇAMENTO DO CARIMBO POSTAL EM HOMENAGEM A JOSÉ OLYMPIO

Arnaldo JORGE \*

Dentre os atos programados pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de nossa cidade, para as comemorações do centenário de nascimento de José Olympio, verifica-se aquela



relativa ao lançamento de carimbo postal. Dada a importância desse lançamento, é oportuno registrar-se algo em torno do significado de selos e carimbos comemorativos.

Sabe-se que, em 1843, ao emitir o popularmente chamado "olho-de-boi", o Brasil granjeou a glória de ser o segundo país do mundo a emitir selos (a primeira emissão, inglesa, foi feita em 1840). Entretanto, os selos comemorativos foram lançados somente a partir de 1900, por ocasião das celebrações do 4º Centenário do Descobrimento. De lá para cá, vêm se sucedendo os selos comemorativos, alusivos a fatos importantes de nossa história e suas personalidades, bem como às mais variadas campanhas de

\* Jornalista, filiado à Associação Brasileira de Jornalistas Filatélicos, (ABRAJOF), inscrição nº 138.

âmbito nacional, eventos culturais, etc. São selos elaborados com o maior esmero, nos quais a transmissão da mensagem proposta e preceitos artísticos são rigorosamente observados. Certamente, tudo contribuindo para estímulo aos colecionadores.

E os carimbos? Já se disse que, se os selos representam o corpo das coleções, os carimbos são a sua alma. Com efeito, estes também têm história, aliás, mais antiga que a dos selos. Assim, há documentação registrando carimbo em sobrecarta com data de 1802 e, antes mesmo da emissão de nosso primeiro selo, correspondências enviadas de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, para o exterior, já tinham suas sobrecartas carimbadas com os nomes das cidades de procedência.

É interessante registrar que, a partir de 1841, os carimbos passaram a indicar, além da cidade de procedência da correspondência, a data de sua postagem, o que permitiu aos usuários o conhecimento da eficiência do sistema.

Posteriormente, com a introdução dos selos, os carimbos passaram a ter dupla função: conhecimento da data da procedência e recebimento da correspondência, além de não permitir que um selo viesse a ser utilizado mais de uma vez. Entretanto, é curioso observar que, em algumas localidades, as agências do Correio usavam ainda os chamados "carimbos mudos", isto é, carimbos sobretudo com motivos geométricos, sem o nome da localidade de emissão e sem data. Feitos com rolhas de cortiças, esses carimbos, embora proibidos em 1884, ainda permaneceram em uso por mais alguns anos.

A exemplo do que vem ocorrendo com os selos, também se fazem carimbos comemorativos. O tempo de duração destes é limitado, sua legenda não tem que necessariamente ser ilustrada e eles não necessitam fazer qualquer alusão a selos.

Nesse contexto, ante sugestão do Professor Sérgio Corrêa Amaro, para que se criasse um carimbo comemorativo do primeiro centenário do nascimento de José Olympio, filatelistas de Batatais fizeram tal proposta ao Dr. Geraldo de Andrade Ribeiro Júnior, presidente da Federação de Filatelia do Estado de São Paulo (FEFIESP). Ao receber total apoio dessa entidade, bem como da municipalidade local, o Clube Filatélico e Numismático de Batatais (CLUFINBA) passou à elaboração do referido modelo de carimbo,

observando as normas regulamentares, tais como modelo piloto em 80 milímetros (para ser reduzido a 32 milímetros), contendo legenda, data ou período de obliteração, palavra "Correios", local de lançamento e Unidade federativa.

Cumpridas as normas e aprovado o projeto, este contou com a boa vontade da FEFIESP, que, além de nada cobrar para sua execução, ainda se comprometeu ao envio de painéis para a exposição filatélica, numismática e literária, programada para a ocasião do lançamento do referido carimbo.

## FAMÍLIAS MEDEIROS, TAVARES E GASPAR GOMES

José Carlos de Medeiros PEREIRA\*\*

### 1. Filhos e genros de José Januário

Antes de discorrer sobre José Januário de Medeiros e sua mulher, Claudina Rosa de Jesus, gostaria de informar quem foram seus filhos e genros. Assim, os leitores poderão dar-se conta de seus descendentes passados e atuais. O casal teve sete filhos, três homens e quatro mulheres. Os filhos continuaram morando em Batatais e aqui faleceram. Foram Manuel, Jacinto e Virgínio José de Medeiros. Quanto aos genros, Mariano Tavares, João Gaspar Gomes e Manuel Moreira, casados, respectivamente, com Júlia, Alexandrina e Lucinda, igualmente viveram e morreram nesta cidade. Já Antônio Gomes de Melo, casado com Maria Rosa, nunca aqui habitou. Viveu em Cravinhos, Ituverava e Ribeirão Preto, onde morreu. Uma filha de Mariano, Maria, casou-se com Joaquim Marinheiro. Um filho deles, Geraldo, bisneto de José Januário, foi prefeito de Batatais, assim como um neto, o Dr. Alberto Gaspar Gomes.

\*Com este levantamento genealógico, inaugura-se uma nova seção da revista: a dedicada à memória dos fundadores de troncos familiares batataenses. Creio que sua continuidade contribuirá para o esclarecimento de alguns aspectos particulares da história da cidade e da região. Além do mais, permitirá a muitas pessoas, descendentes dos biografados, conhecerem a história de seus antepassados, muitas vezes já inteiramente ignorados. De fato, é muito comum, entre nós, os sujeitos só terem informação dos nomes e de alguns atos de seus avós. Raramente sabem até mesmo a origem geográfica dos mesmos. Que se dirá então dos bisavós e trisavós!

Isso significa que, geralmente, as pessoas não se sentem inseridas num contexto familiar maior. Mais ainda: não se dão conta de que sua própria existência foi uma decorrência de processos socioeconômicos de que seus antepassados foram participantes, ou de importantes decisões pessoais de um deles. O que levou um bisavô, trisavô ou tetravô a, por exemplo, emigrar de uma ilha portuguesa, do sul da Itália, da Andalusia ou de Minas Gerais e Bahia para a região de Batatais?

Uma das razões para o desconhecimento dos antepassados é, evidentemente, o analfabetismo generalizado no passado.

### 2. Fontes de dados

As informações constantes deste texto foram, quase todas, fornecidas por minha mãe, Jorgina Medeiros Pereira, filha de Manuel José de Medeiros, portanto, neta de José Januário, com o qual conviveu durante oito anos. Entrevistei-a no segundo semestre de 1997 e no primeiro de 1998 sobre sua (dela) vida. O resultado foi um livro por mim publicado, *Memórias de uma filha de emigrantes portugueses* (Gráfica-e Editora Villimpress, Ribeirão Preto, 1999). Durante as entrevistas, minha mãe teve oportunidade de contar o que sabia da vida de seus avós.

### 3. Nos Açores e em Cravinhos

José Januário de Medeiros nasceu em 1849 na Ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores, pertencente a Portugal. Esse arquipélago fica entre Portugal e os Estados Unidos. As ilhas foram descobertas pelos portugueses entre 1432 e 1437. A maior delas é exatamente São Miguel. A mulher, Claudina Rosa de Jesus, nasceu também lá, em 25 de fevereiro de 1847. Aparentemente o casal tinha uma pequena propriedade nessa ilha, perto de um local denominado Furnas.

Quem não deixa documentos sobre sua vida, tende a ser esquecido, sobretudo se seus filhos também forem iletrados. Um outro fator muito importante, no caso de nossos antepassados, é que, em sua grande maioria, emigraram. Ou seja, saíram dos lugares em que, às vezes, no caso da Europa, seus familiares viveram por séculos. Um morador de uma vila da Suíça, por exemplo, pode, freqüentemente, traçar sua genealogia dirigindo-se à igreja e compulsar os livros de batismo, casamento e óbito ou, simplesmente, ir ao cemitério da aldeia e ler as lápides dos túmulos.

Outros motivos poderiam ser acrescentados para explicar porque muitos, hoje, ignoram quem foram seus antepassados. Não importa. Esperamos que aqueles que tenham bom conhecimento de sua genealogia colaborem no sentido de torná-lo acessível ao público mais amplo. Com isso, possivelmente, mais famílias passarão a ter "história". Conseqüentemente, também, os futuros historiadores da cidade e da região contarão com mais materiais para entender e explicar os fatos acontecidos em nosso passado.

\*\*Doutor em Sociologia, livre-docente em Medicina Social e professor associado aposentado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP.

Estas são muito procuradas pelos turistas. O guia PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES, publicado pela *Folha de S. Paulo*, diz que o lugar é uma estância hidromineral. Lá se encontram "as Caldeiras das Furnas com gêiseres de água quente e fontes borbulhantes de onde brotam a lama e a água mineral terapêutica" (p. 363). De fato, uma das coisas que Jorgina ouviu de sua avó Claudina é que, no lugar em que viviam, as fontes de água quente eram aproveitadas para nelas cozinhar inhames para engordar porcos. Também, quando lavavam roupa, as mulheres usavam essas fontes para fervê-la dentro de uma lata, sobretudo quando estava muito frio. É também possível que fontes e buracos no chão fossem usados para cozer alimentos, como hoje ainda se faz.

Por volta de 1889 ou 1890 a família resolveu emigrar para o Brasil. Possivelmente, como em outros casos, a viagem foi paga pelo Governo brasileiro, mais provavelmente pelo da Província ou Estado de São Paulo, dada a falta de mão-de-obra para a lavoura de café em expansão. A preferência era pela vinda de famílias e José Januário já tinha pelo menos um casal de adolescentes (Maria Rosa e Manuel). Normalmente esses emigrantes já sabiam para onde iriam. Inclusive, às vezes, já tinham conhecidos e parentes nos lugares a que se destinavam, com os quais trocavam correspondência (ainda que, geralmente, fossem analfabetos). Na viagem de navio, Claudina perdeu uma menina chamada Lucinda, cujo corpo foi sepultado no mar. Ela estava grávida. A menina que aqui nasceu não foi registrada. Aproveitaram o registro da menina morta. Essa segunda filha Lucinda, segundo sua sobrinha Jorgina, sempre reclamou do fato, dizendo que havia nascido com dois anos e era portuguesa, em vez de ser brasileira.

Niteza (Aparecida), filha de Lucinda e que morou com Claudina, ouviu da avó que a família estava passando necessidades em São Miguel, o que a fez passar a detestar a terra natal. Tanto que, quando embarcou, bateu o calçado na amurada para não levar nem um pedaço dela. Também conta que Claudina, quando o capitão do navio avisou que tinham entrado em águas brasileiras, ajoelhou-se e agradeceu a Deus tê-la tirado de Portugal. Seria agora brasileira. A família veio, inicialmente, para o município de São Simão. O fazendeiro que os contratou, de acordo com a mesma informante, chamava-se Zequinha. Deu-lhes 30 mil réis em Santos para as despesas de viagem. Chegaram ao destino com 2 mil réis\*. Como era proibido trazer mudas

\*30\$000, segundo a grafia da época. Era a moeda em circulação no país até 1942, quando foi substituída pelo cruzeiro.

e sementes, Claudina contou à neta que trouxe, cosidas na barra da saia, sementes de mostarda, fava e ervilha torta.

O fazendeiro contratante forneceu-lhes ovos e galinhas para começarem uma criação. Seu trabalho inicial foi apanhar café. O mais provável é que a família tenha trabalhado em terras que, posteriormente, pertenceriam a Cravinhos, povoado elevado a vila e desmembrado de São Simão em 1895. A última filha do casal, Alexandrina, nasceu em 1892 e foi registrada no cartório de São Simão. Já o casamento dos filhos Manuel, Maria Rosa, Jacintho e Júlia foi realizado no cartório da Vila de Cravinhos. É provável que José Januário e Claudina Rosa de Jesus tivessem irmãos nessa localidade. No Cartório do Registro Civil está documentado, em 1900, um casamento em que os pais do noivo se chamavam Francisco Januário de Medeiros e Jacinta Rosa de Jesus, naturais, também, da Ilha de São Miguel.

Antes de virem para Batatais, os Medeiros trabalharam, como colonos, em Cravinhos, numa fazenda de café de propriedade de um irmão do Cel. Manuel Nogueira, chamado Silvestre, pelo que soube Jorgina. Os Nogueiras eram grandes proprietários de terras em Batatais e Silvestre ofereceu uma sua propriedade, situada neste município, denominada Fazendinha, a José Januário. Diz Jorgina, num saboroso linguajar: "... meu avô disse que não tinha dinheiro para comprá-la, ao que o Silvestre Nogueira teria dito: 'Os braços de seus filhos vão pagar a fazenda'". José Januário e seu filho mais velho Manuel vieram então a Batatais, de trem. Gostaram do que viram e resolveram comprar a propriedade oferecida. Isso por volta de 1905.

#### 4. Casamentos de filhos em Cravinhos

Tendo a família Medeiros permanecido durante cerca de 15 anos em Cravinhos, quatro de seus sete filhos sobreviventes lá se casaram. A primeira a se casar foi Maria Rosa, nascida em 1874. Como as pessoas eram analfabetas e possivelmente não possuíam documentos, as certidões costumavam ser imprecisas. Assim, Maria Rosa casou-se no dia 14 de dezembro de 1898, com Antônio Gomes de Mello, mas o escrivão anotou seu nome como sendo Maria Júlia. Ela já tinha 23 ou 24 anos de idade, o que, naqueles tempos, significava que já era uma solteirona. O marido, português da antiga província do Douro, era negociante e tinha 28 anos, idade normal de casamento para os homens daqueles tempos. A primeira filha do casal nasceu em novembro de 1899. Chamou-se Dilpha. Apesar de a família Mello nunca ter vivido em Batatais, Dilpha ligou-se à cidade por ter casado com um homem daqui, Aleardo Maestrello, cuja família possuía uma pensão

perto de onde hoje fica o prédio da Prefeitura.

A filha Júlia, nascida em 25 de março de 1882, casou-se com Mariano Jacintho Tavares em 3 de novembro de 1900. O escrivão anotou seu nome como sendo Júlia da Conceição, embora, de outros documentos, conste o nome de Júlia da Encarnação. Mariano tinha 24 anos, tendo nascido em 1876, também na Ilha de São Miguel. Mariano era muito ligado a José Januário. Jorgina tinha a convicção de que ele viera para o Brasil na companhia do futuro sogro, o que é negado pelas suas filhas Guilhermina Tavares Contadini e Lydia Tavares. Estas afirmam, contudo, que, de fato, Mariano era amicíssimo do patriarca dos Medeiros. Segundo elas, a filha prometida a Mariano teria sido, primeiramente, Maria Rosa, mas tendo esta se apaixonado por Antonio Gomes de Mello, José Januário lhe ofereceu Julinha, que, na opinião das filhas, era um partido melhor do que Maria Rosa. Dizem, o que é confirmado por Jorgina, que Júlia era uma mulher alegre, muito agradável, o que não seria o caso da irmã mais velha. Mariano veio junto com o sogro para Batatais e com ele sempre aqui trabalhou.

Em 1902, no dia 3 de maio, foi a vez de Jacintho se casar com Maria José da Conceição. Ele tinha 22 anos e ela 19. Segundo Jorgina, Maria era parente da mãe do noivo, Claudina. Ela morreu em Batatais, na Fazenda Santo Antônio. O viúvo contraiu segundas núpcias, nesta cidade, com Rosa, também viúva, mas bastante mais nova, pois nasceu em 1894. O último dos filhos a se casar em Cravinhos foi Manuel, em 11 de abril de 1903, já com praticamente 26 anos. A noiva, Maria Isabel do Carmo, também era da Ilha de São Miguel. De acordo com a certidão, ela tinha 16 anos, mas por outros documentos, vê-se que, na realidade, tinha um pouco menos de 15. Parece que, pouco tempo depois, os pais dela voltaram para Portugal. O primeiro filho do casal, chamado Antônio, ainda nasceu em Cravinhos, em março de 1904.

Algo que chama a atenção, nessas certidões de casamento, é que os filhos de José Januário são dados como tendo Januário no nome: assim, Manuel Januário e Jacintho Januário de Medeiros. Em Batatais, ambos os filhos, e também Virgínio, passaram a usar José no nome, em vez de Januário. Dizia Jorgina que isso se devia ao fato de a avó ter veneração por São José. É possível, no entanto, que, chamando-se o pai José Januário, o escrivão de Cravinhos, seu conhecido, incluísse esse Januário no nome dos filhos.



José Januário de Medeiros  
Acervo Família Medeiros



Manuel José de Medeiros  
Acervo Família Medeiros



João Gaspar Gomes  
Acervo Família José  
Gaspar Gomes



Mariano Jacintho Tavares  
Acervo Família Contadini

## 5. As fazendas de José Januário

José Januário, filhos, nora e genro trabalharam duramente na chamada Fazendinha, inclusive plantando mais café. Em poucos anos o patriarca conseguiu amealhar o suficiente para comprar uma fazenda vizinha maior, chamada Limeira, cujas terras ficam sobretudo à direita da estrada que vai para Altinópolis (naquele tempo a vila se chamava Mato Grosso de Batatais). Uma outra fazenda, adquirida depois e próxima das anteriores, foi a Santo Antônio, também de bom tamanho. A Fazendinha ficou sendo administrada pelo filho Manuel. José Januário fez da Limeira sua residência, enquanto Jacintho e Mariano tomavam conta da Santo Antônio. Nessas fazendas plantava-se um pouco de milho, arroz e feijão, sobretudo para o gasto, sendo o café a principal atividade econômica nelas levada a cabo. É claro que se tinha também um pouco de gado bovino, para leite e tração, eqüinos e muares.

Quando José Januário comprou a Fazenda Limeira, lá já estava estabelecido, com uma pequena venda, João Gaspar Gomes, também português. Ele nasceu por volta de 1884, na antiga província de Trás-os-Montes (é a região mais ao norte de Portugal, fazendo fronteira com a Galiza espanhola). Casou-se posteriormente com a filha mais nova de José Januário, Alexandrina. Também já existia a capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida. Essa capela e a área em torno foram doadas por José Januário à Paróquia de Batatais. Nela, até hoje, em 15 de agosto, faz-se uma festa, com quermesse, leilão de prendas e mesmo bailes. A fazenda tinha uma grande colônia; os colonos eram sobretudo italianos e seus filhos. Mas uma pessoa que trabalhou muito com José Januário, seu filho Manuel e com João Gaspar Gomes, Joaquim Antunes, era também português. Era o faz-tudo das fazendas. Uma grande família que igualmente trabalhou com José Januário foram os Malagutti. Essa família depois comprou um sítio perto da Limeira.

A Fazenda Santo Antônio ficava numa baixada. Fazia divisa com a Fazendinha e a Limeira só em certos trechos, ficando em outra vertente. Era também grande, com duas colônias e muito café. Mariano Tavares morava na sede, com a família, enquanto Jacintho ocupava a casa do antigo fiscal. Lá também passou a morar, depois de casado, Virgínio. Ele havia nascido em São Miguel em 1884. Casou-se em Batatais com Ana Maria, dez anos mais moça. Mais tarde, quando houve a divisão da herança, Virgínio ficou com uma parte dessa fazenda, tendo construído então uma casa melhor para sua família.

Creio que, passado tanto tempo, ninguém sabe como se fazia

a divisão dos lucros proporcionados pelas fazendas. No caso específico da Fazendinha, dirigida por Manuel, o filho primogênito, uma renda extra era conseguida por ele com a criação e venda de porcos. Disso se lembrava Jorgina. É possível que pelo menos o genro e os filhos casados tivessem uma certa proporção desses lucros.

O café era descascado na própria Limeira, que possuía uma máquina para esse fim, movida a vapor d'água. Minha mãe se lembrava de que o responsável pelo serviço se chamava Pedro Mazarão. Este, mais tarde, casou-se com uma filha de Jacintho chamada Alexandrina.

## 6. Tipo físico e personalidade

Pelo que dizia Jorgina, seu avô era bem apessoado, bonito de rosto, esbelto, de estatura mediana, barbudo, com barba ainda preta quando faleceu. Já sua avó Claudina era mais cheinha de corpo, gordinha mesmo, mas também bonita.

Quanto ao modo de ser, José Januário, pelo que se lembrava Jorgina e pelo que lhe contaram, era um homem atirado nos negócios. Ambicioso, sabia fazer negócios; era um bom conversador. Amável, dava-se bem com todos. Segundo Jorgina, ele gostava dos netos, que lhe mexiam na barba quando ele os pegava no colo. No dizer dela: "meu avô era uma alma boa, ele gostava das pessoas. Era um homem calmo e amável". Ele não era fumante, mas os filhos sim. Por isso, quando estava se aproximando, dava uma tossidela para que eles jogassem seus cigarros fora e pisassem em cima. Uma coisa curiosa de que a neta se lembrava era o jeito de ele contratar camaradas. "Quando sabia que alguém ia procurá-lo para conseguir serviço, deixava uma enxada jogada no meio do caminho. Se o homem pegasse a enxada e a encostasse direito na parede, ele o contratava. Se passasse por cima, não. Dizia que nenhum trabalhador bom passa por cima de uma ferramenta sem pô-la no lugar".

Quanto a Claudina, dizia Jorgina que a avó era mais medrosa, temendo que ficassem devendo. Era mais fechada do que o marido, menos amável, mesmo em relação aos netos. Era enérgica para com eles. "Vovó era a pessoa mais religiosa da família. Parece que ela ia muito à igreja na Ilha de São Miguel... Ela tinha muitas imagens, mas o santo da predileção dela era São José".

## 7. Morte de José Januário e sua herança

Diz Jorgina que o avô ficou com câncer na bexiga. O mais provável é que fosse câncer de próstata. Precisando ser operado, foi

para Campinas, que era o grande centro médico de então. Segundo ela, quem o acompanhou até lá foi seu tio João Gaspar Gomes. Dela discordam Guilhermina e Lydia, filhas de Mariano Tavares, que me disseram ter sido seu pai o acompanhante. De qualquer modo, contou-me minha mãe que, "quando, depois da operação, era grande o perigo de morte, ... meu tio perguntou-lhe: 'Seu Januário, se o senhor morrer aqui, quer ser enterrado aqui ou em Batatais?'. Ele teria respondido: 'Depois que eu morrer, vocês façam de meu corpo o que quiserem'. Meu tio resolveu trazer o corpo dele para Batatais, de trem. Ele morreu no dia 18 de agosto de 1918". Tinha 69 anos.

Claudina abriu mão da herança, preferindo que os herdeiros lhe proporcionassem uma mesada. A Fazenda Limeira foi dividida entre o primogênito Manuel e João Gaspar Gomes, marido de Alexandrina; a sede ficou pertencendo ao primeiro. A Fazendinha, onde até então Manuel tinha morado, ficou com Mariano Jacintho Tavares, casado com Júlia. A Fazenda Santo Antônio, por sua vez, ficou com os filhos Jacintho e Virgínio. Os genros Manuel Moreira, marido de Lucinda, e Antônio Gomes de Mello, marido de Maria Rosa, receberam sua parte em dinheiro.

Claudina viveu sobretudo na companhia de sua filha caçula Alexandrina. Posteriormente, com os recebimentos da mesada, Mariano construiu-lhe uma casa perto da sua, na Rua Capitão Andrade (que era comumente chamada de Santo Antônio) e que, hoje, se denomina Dr. Alberto Gaspar Gomes. Por sinal, essa casa foi posteriormente ocupada por esse seu neto. Uma outra neta, Maria, filha de Lucinda, fez companhia à avó. Claudina morreu em 29 de outubro de 1942, com 95 anos.

## 8. Os Medeiros

O filho mais velho de José Januário, Manuel, herdeiro de metade da Fazenda Limeira, acabou vendendo-a para seu cunhado João Gaspar Gomes. De seu grande amigo, Zeferino Girardi, comprou a Fazenda Santa Terezinha. Permaneceu com ela até sua morte. Casado, como já disse, com Maria do Carmo, era asmático. Por volta dos 40 anos, sua doença se agravou muito. Em seus últimos anos, a falta de ar de que sofria, em seus acessos de tosse, sintomas do mal, causava uma sensação dolorosa nos que o cercavam. Ele morou, durante todo o tempo em que viveu na cidade, numa casa que comprara à rua Mal. Deodoro; nela hoje residem suas filhas Leontina e Dirce, esta com o

marido Jolau. A piora da asma acabou fazendo com que Manuel limitasse muito suas atividades no campo dos negócios. Restringiu-se à posse da Santa Terezinha. Apesar da gravidade da doença, viveu 75 anos, tendo falecido em 14 de julho de 1952. Maria do Carmo, sua mulher, morreu em 11 de junho de 1960, com 72 anos. Ambos tiveram os seguintes filhos que chegaram à idade adulta: Antônio, Disolina, Jorgina, Hortência (*sic*), Elydio, Leontina, Felizardo (apelidado de Filuca), Elvira, Odete e Dirce.

Jacintho, repetindo, tendo ficado viúvo de sua primeira mulher, Maria José, casou-se em segundas núpcias, em Batatais, com Rosa, também viúva. Com ambas, ele teve 13 filhos que atingiram uma certa idade. Possivelmente foi o descendente de José Januário que mais contribuiu para a perpetuação do sobrenome Medeiros. Sua casa, na cidade, ficava praticamente no fim da rua Capitão Andrade (hoje, Dr. Alberto Gaspar Gomes). Tal residência pertenceu, posteriormente, durante alguns anos, à minha tia, capitã-enfermeira Altamira Pereira Valadares. As terras nas circunvizinhanças dessa casa também foram de sua propriedade. Segundo sua sobrinha Jorgina, Jacintho era um pouco tímido. Ele veio a falecer em 22 de fevereiro de 1966, com 84 anos de idade. Rosa morreu em 1975, com 80 anos. Dos 13 filhos sobreviventes, seis foram de Maria: Alexandrina, Maria José, Virgínia, Manuel, João e Armando. Dos filhos com Rosa, sobreviveram Arvelino (Bilim), Jacinto, Antônio, Geraldo, Carlos, Marieta e Rosinha.

Virgínio casou-se, em Batatais, com Ana Maria. Como seu irmão Jacintho e seus cunhados Mariano e João Gaspar, quando saiu da zona rural, também comprou casa na rua Capitão Andrade, com portas para o comércio. Nela, tinha um bom armazém de secos e molhados. Era um homem sério, segundo sua sobrinha e afilhada Jorgina. Esta tinha muita amizade com uma das filhas de Virgínio, Cecília, que tinha o apelido de Loque. Ele morreu aos 70 anos, em 1954. Ana, sua mulher, faleceu em 13 de março de 1975, com 80 anos. Eles tiveram sete filhos, quatro homens e três mulheres: Maria, Olívia, José (Quim), Antônio, Cecília (Loque), Geraldo e Laércio.

## 9. Mariano Tavares

Mariano Jacintho Tavares, casado com Júlia, como já foi dito, herdou a Fazendinha. Sua sobrinha Jorgina tinha predileção por ambos os tios. Dizia que eram pessoas alegres. Promoviam festas e bailes

para parentes e amigos em sua fazenda. Segundo as filhas Guilhermina e Lydia, a família de seu pai tinha uma quinta na Ilha de São Miguel, na qual cultivava parreiras e fazia vinho. Ainda, de acordo com elas, Mariano e José Januário se gostavam, sendo muito unidos. Outros parentes dizem que Mariano era um homem bondoso, sempre pronto a oferecer ajuda, de trato fácil, desprendido de bens materiais. Tomava conta da capela de Santo Antônio. Morreu em 5 de agosto de 1972, com 96 anos. Sua mulher, no entanto, faleceu relativamente jovem, com 49 anos, em 1931. Tiveram os seguintes filhos: Maria, Cesarina, Guilhermina, José, Elisa, Antônio, Mariana, Lydia, João e Virgínia (Dinuca).

#### **10. João Gaspar Gomes**

Este genro, casado com a filha mais nova de José Januário, Alexandrina, já estava estabelecido na Fazenda Limeira, com empório, quando de seu casamento. Herdou metade dessa fazenda. Depois comprou o restante dela de seu cunhado Manuel. Posteriormente adquiriu mais terras. Como outros parentes afins, tornou-se morador da Rua Capitão Andrade, onde construiu o sobrado onde hoje moram suas filhas Ophélia e Lya. Ex-seminarista, João Gaspar fazia, por vezes, a função de advogado leigo. Escrevia longos artigos em jornais de Batatais defendendo suas posições. Faleceu em 26 de janeiro de 1969, com cerca de 85 anos. Sua mulher Alexandrina teve uma longa existência. Veio a falecer em 17 de maio de 1998, com 106 anos de idade. Teve os seguintes filhos: Benjamim, Alberto, Olga, Dinis, Olinda, Celso (Leca), Isabel, Ophélia, José, Prêntice e Lya.

#### **11. Genros Moreira e Melo**

Manuel Moreira, casado com Lucinda, era também português de nascimento. Nos primeiros tempos de Brasil, tornou-se fornecedor de dormentes para a Mogiana. Segundo sua filha Niteza (Aparecida), seu pai era um homem bonito, de olhos azuis, que se vestia bem. Faleceu em Batatais em 24 de julho de 1957, com 72 anos de idade. Lucinda morreu com mais de 80 anos, em 1972. Tiveram os filhos Rosalina, Maria, Antônio (Tonico) e Aparecida (Niteza).

A filha mais velha de José Januário, Maria Rosa, nunca viveu em Batatais. Era casada com Antônio Gomes de Mello, português da antiga província do Douro. Seu marido era negociante na então vila de Cravinhos. O casal mudou-se depois para Ribeirão Preto, onde

Mello trabalhou com o Coronel Francisco Schmidt. Posteriormente ele adquiriu e expandiu a Fazenda Santa Leopoldina, entre Guará e Ituverava. Voltou novamente para Ribeirão Preto, onde faleceu em 1939, com 69 anos. Maria Rosa faleceu no mesmo ano, com 65 anos de idade. Obtive interessante depoimento da neta de ambos, Jalde do Amaral Lolato, sobre seus avós. Disse-me ela: "Meu avô era sofisticadíssimo. Andava bem arrumado, com sapatos bonitos, terno, colete e bengalão com castão de prata. Gostava de receber pessoas. Você tinha a impressão de que era um coronel ou um barão. Minha avó já era mais simplesinha, sempre preocupada com a limpeza da casa. Mas era uma mulher linda. Tinha olhos pretos, muito grandes, e cabelos também pretíssimos. Era um tipo de beleza diferente: morena, com pele, pernas e corpo muito bonitos". Os filhos do casal foram os seguintes: Dilpha, Júlia, Armando, Atílio, Antônio, Ondina e Acácio.

## FILHOS E NETOS DO CASAL JOSE JANUÁRIO DE MEDEIROS E CLAUDINA ROSA DE JESUS

### 1. Manuel José de Medeiros casado com Maria do Carmo

- |                |                         |
|----------------|-------------------------|
| 1.1. Antônio   | 1.6. Leontina           |
| 1.2. Disolina  | 1.7. Felizardo (Filuca) |
| 1.3. Jorgina   | 1.8. Elvira             |
| 1.4. Hortência | 1.9. Odete              |
| 1.5. Elydio    | 1.10. Dirce             |

### 2. Jacinto José de Medeiros casado com: a) Maria José b) Rosa

- |                   |                        |
|-------------------|------------------------|
| 2a.1. Alexandrina | 2b.1. Arvelino (Bilim) |
| 2a.2. Maria José  | 2b.2. Jacinto          |
| 2a.3. Virgínia    | 2b.3. Antonio          |
| 2a.4. Manoel      | 2b.4. Geraldo          |
| 2a.5. João        | 2b.5. Carlos           |
| 2a.6. Armando     | 2b.6. Marieta          |
|                   | 2b.7. Rosa             |

### 3. Virgínio José de Medeiros casado com Ana Maria

- |                  |                      |
|------------------|----------------------|
| 3.1. Marcia      | 3.5. Cecília (Loque) |
| 3.2. Olívia      | 3.6. Geraldo         |
| 3.3. José (Quim) | 3.7. Laércio         |
| 3.4. Antônio     |                      |

### 4. Júlia, casada com Mariano Jacinto Tavares

- |   |                         |
|---|-------------------------|
| 4.1. Maria, casada com Joaquim Marinheiro | 4.6. Antônio            |
|   | 4.7. Mariana            |
| 4.2. Cesarina                             | 4.8. Lydia              |
| 4.3. Guilhermina                          | 4.9. João               |
| 4.4. José                                 | 4.10. Virgínia (Dinuca) |
| 4.5. Elisa                                | João                    |

### 5. Alexandrina, casada com José Gaspar Gomes

- |                   |                |
|-------------------|----------------|
| 5.1. Benjamim     | 5.7. Isabel    |
| 5.2. Alberto      | 5.8. Ophélia   |
| 5.3. Olga         | 5.9. José      |
| 5.4. Dinis        | 5.10. Prêntice |
| 5.5. Olinda       | 5.11. Lya      |
| 5.6. Celso (Leco) |                |

### 6. Maria Rosa, casada com Antônio Gomes de Mello

- |  |              |
|--|--------------|
| 6.1. Dilpha, casada com Aleardo Maestrello | 6.4. Atílio  |
|  | 6.5. Antônio |
| 6.2. Júlia                                 | 6.6. Ondina  |
| 6.3. Armando                               | 6.7. Acácio  |

### 7. Lucinda, casada com Manuel Moreira

- |              |                        |
|--------------|------------------------|
| 7.1 Rosalina | 7.3 Antônio (Tonico)   |
| 7.2 Maria    | 7.4 Aparecida (Niteza) |

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

### NOS TRILHOS DA MOGIANA: UM POUCO DA HISTÓRIA DE JURUCÊ

OLIVEIRA, Leila Miria de. *Sarandy – Jurucê: Origens*. Ribeirão Preto: Complexo Gráfico Vilimpress, 2001, 144p.

Karina Elizabeth SERRAZES\*

O viajante que se dispuser a conhecer o interior paulista, seguindo os trilhos da antiga estação ferroviária Mogiana, deparará com locais tranquilos, onde o tempo parece ter passado mais devagar, e ver, ainda, crianças brincando alegremente na praça, idosos conversando despreocupados, vizinhos trocando gentilezas, num ritmo de vida bastante diverso das grandes metrópoles. Um desses lugares é Jurucê, distrito da cidade de Jardinópolis, situado próximo às cidades de Ribeirão Preto, Brodowski e Batatais.

Uma visita a esse local, de cerca de 1.300 habitantes, desperta a curiosidade sobre a sua história, arquitetura, povoamento, religião, costumes e tradições, informações que podem ser encontradas no livro *Sarandy – Jurucê: Origens*, escrito pela pesquisadora Leila Miria de Oliveira, que, compôs um panorama da realidade histórica de Jurucê, a partir do levantamento e análise da documentação existente e da coleta de depoimentos de seus moradores.

Dentre as primeiras informações encontradas no livro, está o significado do nome Jurucê, ou seja, boca doce, afável, em definição popular moça bonita, e também do antigo nome dessa localidade Sarandy, uma referência a arbustos, flores pequenas, frutos, terra estéril e, em tupy, longarina sobre a qual deslizam madeiras. Esse nome, Sarandy, foi dado à estação de ferro construída, em 1894, nessa região e ao povoado que se formou junto dela. De acordo com

\*Mestre em História e professora da rede estadual de ensino.



a documentação disponível e as pesquisas sobre o assunto, as origens do povoamento de Jurucê-Sarandy encontram-se nas atividades dos bandeirantes no denominado Sertão do Rio Pardo e na política de doação de sesmarias. O lote de sesmarias dessa região, datado de 1814, pertencia a Germano Alves Moreira e correspondia aproximadamente aos territórios de Batatais, Brodowski, Jardinópolis e Sarandy, que, com o passar do tempo, acabou se dividindo em diversas fazendas e várias povoações.

Muitas dessas fazendas tornaram-se grandes produtoras do café, o que impulsionou o crescimento dessas povoações, pois, com a "onda verde", vieram também os imigrantes, em especial os italianos, as estradas de ferro e os melhoramentos urbanos. Segundo Leila M. de Oliveira, no distrito de Sarandy existiram três importantes estações de ferro: a de Sarandy, a de Visconde de Parnayba (1886) e a do Entroncamento (1900), por onde circularam milhares de pessoas e movimentaram grande parte da produção cafeeira nas primeiras décadas do século XX.

Com o desenvolvimento proporcionado pelas lavouras de café, o povoado de Sarandy, iniciado em fins do século XIX sob a invocação do padroeiro São Pedro, tem seus limites territoriais estabelecidos pela Lei n. 1632, de 27 de dezembro de 1918, que decreta a criação de um Distrito de Paz nessa localidade. E no ano de 1944, o nome Sarandy é substituído por Jurucê, respeitando uma lei federal que proibia duas cidades de terem o mesmo nome.

Além desse histórico de formação, o livro *Sarandy-Jurucê: Origens* traz informações e imagens sobre os estabelecimentos comerciais que funcionaram na localidade, o histórico e o estado de conservação das estações de ferro da região, a inauguração do Grupo Escolar, as bandas de música, a arquitetura do cine Theatro e de algumas casas do distrito, os nomes de pessoas que se destacaram no esporte e na política e as famílias de imigrantes tradicionais de Sarandy, como os Prudente Corrêa, Targa, Malvestio, Tavella, Fioravante, Riul, entre outras, que contribuíram para a formação do povoado.

A autora também destaca as modificações na arquitetura: Capela de São Pedro e a tradicional festa em homenagem ao santo padroeiro, que acontece todos os anos, com a procissão religiosa de andores ornamentados. Em 1999, o dia 29 de junho tornou-se feriado religioso no distrito, e a procissão já conta com a participação de 20 andores decorados, sendo o do padroeiro o mais bem ornamentado, com estrutura metálica, iluminação interna, forros de tecidos, arranjos

florais, etc. E, ainda, Leila M. Oliveira faz um estudo iconográfico do Cemitério Rural de Sarandy, descrevendo as variadas tipologias tumulares existentes no local, os nomes das famílias enterradas e o histórico de formação desse espaço fúnebre.

Todas essas informações demonstram uma preocupação em registrar a história e as tradições do distrito de Sarandy e preservá-las para as futuras gerações. Essa é uma iniciativa de extrema importância, pois vivemos numa época em que a rapidez dos meios de comunicação e as inovações tecnológicas têm distanciado as pessoas da convivência familiar, do contato com a memória de nossos antepassados e conseqüentemente de nossas origens. E é esta a contribuição maior do livro *Sarandy-Jurucê*: resgatar um pouco das origens e da identidade do interior paulista.

### **AMICUS, na 2ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto**

Conforme já foi amplamente noticiado pela Tribuna de Batatais, realizou-se, com o maior sucesso, de 30 de agosto a 8 de setembro, a 2ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto.

Como algo inovador dessa grande festa da Cultura, cumpre realçar o espaço que foi concedido, não apenas às entidades literárias ribeirãopretanas, mas também às editoras e autores da região. Foi, pois, na condição de revista cultural de Batatais, que AMICUS, revista editada pela Sociedade Amigos da Cultura, já em sua 5ª edição, esteve presente no referido evento.

Através dessa participação, foram feitos diversos contatos com pessoas e entidades ligadas às questões culturais da região, o que certamente contribuiu para a divulgação de fecundo trabalho que, nesse sentido, vem sendo realizado em nossa cidade.

### **Dissertação de mestrado**

No dia 28 de agosto do corrente ano, a professora Claudete Camargo Pereira Basaglia, colaboradora de AMICUS, defendeu dissertação de mestrado, na Faculdade de Educação da UNICAMP. Aprovada pela banca examinadora presidida por sua orientadora, Professora Dra. Ernesta Zamboni, a interessantíssima pesquisa da professora Claudete Basaglia intitula-se "Nuvens de mascates: raízes que se rompem".

Trata-se de um estudo que tenta elaborar uma interpretação relativa à presença de imigrantes de origem síria e libanesa no município de Batatais.

A partir de relatos orais de imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes, chega-se até alguns documentos capazes de revelar indícios da chegada deste ou daquele grupo à região, sua inserção e relações com a sociedade local. As informações coletadas nos depoimentos pessoais indicam possibilidades de recuperação das ligações que se estabeleceram entre os membros do próprio grupo e entre estes e a sociedade local.

### **ÍNDICE DE AUTORES**

- BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira, p. 91  
CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina, p. 119  
CARDOSO, Walter, p. 107  
JORGE, Arnaldo, p. 151  
PEREIRA, José Carlos de Medeiros, p. 154  
SERRA ZES, Karina Elizabeth, p. 167  
TEIXEIRA. Pedro Lázaro, p. 143

## NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE ORIGINAL

A Revista AMICUS publica trabalhos inéditos, relativos principalmente a Batatais e região. Os textos serão redigidos de preferência em português.

Recomenda-se que os artigos apresentem os seguintes itens:

Título, autor(es), qualificação do(s) autor(es), *Resumo*, (de no máximo cinco linhas) e cinco *Palavras-chave*, antecedendo o texto. Sucedendo a este, *Abstract* e *Keywords*. Completam o texto, sucedendo-o: *Referências Bibliográficas* (obras citadas no texto) e *Notas*, para esclarecimentos considerados necessários. Utilizá-las o mínimo possível e numerá-las na entrelinha superior do texto.

Os textos deverão ser digitados em Word, em letra Verdana, tamanho 10, espaço simples e apresentados em duas cópias e em disquete de 3/2", com cópia das ilustrações.

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores. Os trabalhos que não se enquadrarem nessas Normas para a Apresentação de Original serão devolvidos aos autores.

Além dos artigos, a Revista AMICUS terá, entre outras, as seguintes seções: Arquivos, Bibliotecas e Museus, Genealogia, Entrevistas, Memórias, Noticiário, Resenhas e Teses, além de outros textos, considerados compatíveis com os objetivos da Revista.

Maiores esclarecimentos acerca das normas de apresentação de original serão prestados pelo Conselho Consultivo de Publicações.

E-mail: [amicus@netsite.com.br](mailto:amicus@netsite.com.br)